**II DOMINGO DA PÁSCOA B 2021**



**«Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos.**

**Aproxima a tua mão e mete-a no meu lado».**

Cf. *Jo* 20,19-31

**Ritos Iniciais**

**Monição inicial**

P. Este é o Domingo da Oitava da Páscoa, o primeiro dia da semana, o dia do encontro do Ressuscitado com a Sua Igreja reunida, como outrora no Cenáculo, na sala da Última Ceia. Este é, em algumas Igrejas, o domingo em que os novos batizados se apresentam com a sua veste branca, para agradecer as riquezas do Batismo com que foram purificados, da unção espiritual do Crisma com que foram ungidos e do Corpo e Sangue da Eucaristia com que foram redimidos. Este é, desde o ano 2000, o Domingo da Divina Misericórdia, que nos recorda o dom do perdão dos pecados, que brota do lado aberto de Cristo Morto e Ressuscitado.

**Aspersão da água batismal**

P. Em nome de todos, os ministros do altar [ou só o Presidente] realizam (realizo) aqui um gesto, que todos podem repetir hoje, ou durante o tempo pascal, em vossas casas: ***lavar os olhos, com um pouco de água***. Ao longo destes tempos de pandemia eles foram, são e serão lavados por muitas lágrimas. As nossas lágrimas, como as de Jesus diante de Lázaro morto, ou como as de Maria Madalena diante do Ressuscitado, são as lentes que nos permitem ver Jesus e nos dão uma ampla visão: a visão límpida da fé.

P. Oremos, irmãos caríssimos, a Deus nosso Senhor, suplicando-Lhe que Se digne abençoar esta água, com que vamos lavar os nossos olhos.

*Segue-se a bênção da água (cf. Missal, 1360-1361). Os ministros do altar apresentam a sua taça, caldeira ou concha com a água para a bênção:*

P. Deus eterno e omnipotente, escutai benignamente as orações do vosso povo. Ao celebrarmos a obra admirável da nossa criação e a maravilha ainda maior da nossa redenção, dignai-Vos abençoar ✠ esta água. Vós a criastes para dar fecundidade à terra e frescura e pureza aos nossos corpos. Vós a fizestes instrumento de misericórdia, libertando da escravidão o vosso povo e matando a sua sede no deserto. Por meio dos Profetas, Vós a proclamastes sinal da nova aliança que quisestes estabelecer com os homens. Finalmente, nas águas do Jordão, santificadas por Cristo, inaugurastes o sacramento da regeneração espiritual, que renova a nossa natureza humana, libertando-a da corrupção do pecado. Esta água, Senhor, nos faça reviver o Batismo que recebemos e nos leve a participar na alegria dos nossos irmãos batizados na Páscoa de Cristo Nosso Senhor. Ele que é Deus convosco, na unidade do Espírito Santo.

R. Ámen.

*O Presidente, diácono e acólitos podem realizar este gesto de lavar os seus olhos, tendo consigo uma pequenina taça ou concha de água, ou uma caldeira de água benzida. Cada um dos ministros do altar aproxima-se do microfone, lava os olhos com a sua própria água e diz:*

***Senhor,***

***a luz da Tua Páscoa gloriosa***

***lave os nossos olhos,***

***para vermos tudo de modo novo***

***e caminharmos por uma vida nova.***

Nota: *Não aspergir os presentes.*

**Cântico batismal** [depois dos ministros do altarterem lavado os olhos e feito a oração de modo audível a toda a comunidade]

P. [só na Missa transmitida pelo Facebook] Irmãos e irmãs: aí em casa, o pai ou a mãe, o avô ou a avó, ou mesmo a própria pessoa, se estiver só, pode lavar os seus olhos ou os de outrem, com água, dizendo as mesmas palavras ou palavras semelhantes. Renovados pela alegria pascal, cantemos um Hino de Glória a Cristo crucificado, morto e Ressuscitado para nossa salvação.

**Hino do Glória** (cantado)

**Oração coleta** (cantada)

**Liturgia da Palavra**

* 1.ª leitura: *At* 4, 32-35
* Salmo 117 (118)
* 2.ª leitura: *1 Jo* 5, 1-6
* Aclamação ao Evangelho: *Aleluia. Aleluia. Aleluia.*
* Evangelho: *Jo* 20,19-31
* Homilia

**Homilia no II domingo da Páscoa B 2021**

1. Imagino que a pedra de tropeço deste Evangelho seja, para muitos, a dúvida de Tomé. Para mim, sinceramente, não é. A minha pedra de toque são os troféus que Jesus apresenta como credencial da sua vitória pascal sobre a morte: Jesus exibe as suas feridas, os sinais dos cravos da sua crucifixão e desafia Tomé a pôr o dedo nas feridas. Esperávamos nós que Jesus conduzisse Tomé à fé por via de algum milagre, graças a algum feito ou efeito extraordinário. Mas não. Jesus exibe as feridas para dizer que o Ressuscitado não é uma ilusão, a projeção de um desejo. O Ressuscitado é o Crucificado. Mas, ao mostrar as feridas, Jesus está também a dizer-nos que a Sua Ressurreição não O descolou nem O deslocou ou isolou do nosso sofrimento.

2. O sofrimento, que se torna para muitos a tal pedra de tropeço na fé, é, para outros, a experiência humana mais fraturante, capaz de abrir uma brecha naquelas portas do coração cerradas e encerradas a Deus. A experiência do sofrimento é talvez aquela que mais reclama por um sentido, que mais desperta em nós a sede de um Deus e de uma resposta da parte d’Ele. Ora, só um Deus humano, ferido por amor, pode responder pela dor, por todas as nossas feridas!

3. Ao mostrar as suas feridas, Jesus mostra-nos que o drama do sofrimento não se resolve a culpar Deus ou a inocentá-l’O, porque uma coisa ou outra acabariam por excluir Deus da pergunta. Ora, quando alguém pergunta a Deus ou reclama, no fundo, chama por Ele e tem-n’O ainda em conta. Assim o confessou Miguel Torga: “*Deus: o meu eterno pesadelo. Tive sempre a coragem de O negar, mas nunca a força de esquecê-l’O*». É em Deus e diante de Deus, é com Deus que podemos dialogar e encontrar o sentido último para a dor. Fique claro que *Deus não envia pandemias*, nem acidentes, nem dor, doença ou sofrimento, *para nos ensinar alguma verdade!* Nem Deus envia sofrimentos ao mundo nem tão-pouco os permite, porque tal implicaria acreditar que, podendo evitá-los, Ele não o faz.

4. Mas não. Em Cristo Crucificado e Ressuscitado, Deus revela-Se um Deus ferido e solidário com a nossa dor, um Deus que faz do sofrimento humano a sua causa. Ouvimo-l’O soltar aquele brado lancinante «*meu Deus, meu Deus porque Me abandonaste*» (*Sl* 21/22, 2), de tal modo que ali, todo o clamor pela dor humana coincide com o clamor do próprio Deus. Deus grita a nossa dor. Nessa hora, Jesus aceita livremente sofrer, mediante uma decisão determinada pelo Amor, pois, no fundo, é o Amor que salva tudo. A beleza que salva o mundo é este amor que partilha a dor, é o amor que tudo suporta, é aquele «*fogo do amor que nem as águas torrenciais podem submergir, porque mais forte do que a morte é o amor*» (Ct 8,6-7).

5. Irmãos e irmãs: morto e ressuscitado, Cristo sofre connosco, partilha a nossa paixão e acompanha-nos no sofrimento. Peço-vos, então, que façamos deste tempo pascal um tempo para nos aproximarmos dos outros, para tocarmos as muitas feridas abertas por esta pandemia: a solidão e o luto, o desemprego e o desespero pela falta do necessário, o cansaço e o desânimo, a revolta e a dúvida, o arrefecimento ou a perda da fé. Procuremos e ofereçamos aos outros os sinais vitais da Ressurreição, tocando as suas feridas. Façamo-lo com a força frágil da nossa fé, com a ternura do amor! Não vamos lá com a fé *inabalável,* mas com a fé ferida pelas dúvidas, com a fé que suporta o peso do mistério da dor e permanece fiel, na esperança de um tal amor mais forte do que a morte. Seja a nossa fé… a fé no Amor de Deus, Amor ferido pela dor, mas sempre vencedor.

Tende esta certeza e dai testemunho dela, em gestos que a traduzam melhor: O amor, mais forte do que o pecado e a morte, é a raiz e o segredo, é a matriz geradora e a força motriz da Ressurreição. E assim, tal como Jesus continua a sua Paixão, nas feridas abertas por esta pandemia, também a sua Ressurreição se manifesta na beleza do amor em todos aqueles que se tornam, para os outros, ministros da consolação.

**Credo – fórmula batismal**

P. (cf. Missal, pp. 320-322): Irmãos caríssimos, pelo mistério pascal, fomos sepultados com Cristo no Batismo, para vivermos com Ele uma vida nova. Por isso, renovemos as mesmas promessas, pelas quais todos renunciámos outrora a Satanás e às suas obras e prometemos servir fielmente a Deus na Santa Igreja Católica.

P. Renunciais ao pecado, para viverdes na liberdade dos filhos de Deus?

R. Sim, renuncio.

P. Renunciais às seduções do mal, para que o pecado não vos escravize?

R. Sim, renuncio.

P. Renunciais a Satanás, que é o autor do mal e o pai da mentira?

R. Sim, renuncio.

P. Credes em Deus, Pai todo-poderoso, Criador do Céu e da Terra?

R. Sim, creio.

P. Credes em Jesus Cristo, Seu único Filho, Nosso Senhor, que nasceu da Virgem Maria, padeceu e foi sepultado, ressuscitou dos mortos e está sentado à direita do Pai?

R. Sim, creio.

P. Credes no Espírito Santo, na Santa Igreja Católica, na comunhão dos Santos, na remissão dos pecados, na ressurreição e na vida eterna?

R. Sim, creio.

P. (Missal, p. 322): Deus Todo-poderoso, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que nos fez renascer pela água e pelo Espírito Santo e nos perdoou todos os pecados, nos guarde com a Sua graça, em Jesus Cristo, Nosso Senhor, para a vida eterna!

R. Ámen.

**Oração dos Fiéis**

P. Irmãs e irmãos: “*Cristo, nossa esperança, está vivo e é a mais formosa juventude deste mundo. Tudo aquilo que Ele toca, faz-se novo, enche-se de vida*” (CV 1). A Cristo, que vive e nos quer vivos, confiemos a nossa oração unânime, dizendo (cantando):

R. (se for rezado): ***Cristo, és o Eterno Vivente. Dá-nos hoje a Tua Vida para sempre.***

R.(se for cantado): ***Cristo, és o Eterno Vivente. Aleluia. Dá-nos hoje a Tua Vida para sempre. Aleluia. Aleluia***.



1. Pela Santa Igreja: para que dê testemunho da Ressurreição do Senhor Jesus com grande poder e goze de grande simpatia por se tornar uma verdadeira comunidade de irmãos. Invoquemos. R.
2. Pelos que governam: para que cuidem dos feridos por esta pandemia e saibam distribuir as riquezas por cada um, conforme a sua necessidade. Invoquemos. R.
3. Por todas as vítimas desta pandemia: pelos doentes afetados pela COVID-19, pelos empresários em dificuldade, pelos empregados precários e por tantos desempregados, pelas crianças sem convivência, pelos jovens sem esperança, pelos idosos que se sentem sós. Invoquemos. R.
4. Por todos nós: para que sejamos verdadeiros ministros da consolação, tocando todas as feridas e todos os feridos pela solidão e pelo luto, pelo desemprego e pelo desespero com a falta do necessário, pelo cansaço e pelo desânimo, pela revolta e pela dúvida, pelo arrefecimento ou pela perda da fé. Invoquemos. R.

P. Senhor, Jesus Cristo, Deus ferido por amor, cura as nossas feridas mal cicatrizadas, que sangram a cada passo. Sara-as com o teu abraço. Cura-as com o bálsamo da tua misericórdia. Transforma em pérolas as nossas feridas e que no seu lugar se abra uma porta para Ti, que és o Eterno vivente, Deus com o Pai, na unidade do Espírito Santo.

R. Ámen.

**Liturgia Eucarística**

**Apresentação dos dons e Cântico de ofertório | Oração sobre as oblatas | Prefácio Pascal I** (cantado) | **Santo** (cantado) | **Aclamação: “*Mistério da fé para a salvação do mundo*”** (cantada)| **Doxologia final** (cantada) **| Ritos da Comunhão: Pai-Nosso** *|* **Embolismo** *|* **Fração do Pão | Cordeiro de Deus** (cantado) **| Comunhão** | **Cântico de Comunhão** | **Oração pós-comunhão** | **Cântico de Ação de Graças** | **Oração pós-comunhão** (Missal, pág. 323)

**Ritos Finais**

**Bênção | Despedida**

Diácono: Vamos agora receber a bênção, à qual responderemos em três momentos diferentes “Ámen”. Depois, a nossa resposta à despedida tem o entusiasmo próprio da Páscoa que celebramos. Cantaremos, em resposta ao Diácono e com a ajuda do coro, “*Graças a Deus. Aleluia. Aleluia*”. Inclinai-vos, agora, para a bênção solene.

**Bênção final (**Missal, pág. 557: Vigília Pascal e Dia de Páscoa)

R. Ámen.

**Despedida**

Diácono**:** Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe. Aleluia. Aleluia.

R. (cantando): Graças a Deus. Aleluia. Aleluia.

**Cântico final**

**Oração**

*Senhor, Deus ferido, por amor,*

*dá-me a coragem da verdade,*

*para conhecer e assumir*

*todas as minhas feridas,*

*pois o que não é assumido,*

*jamais poderá ser redimido!*

*Senhor, Deus ferido, por amor,*

*trata as feridas com que feri os outros*

*e que não tenho modo de curar!*

*Solta-as da prisão do meu passado*

*e lança-as no abismo da tua misericórdia,*

*onde a graça é sempre maior que o pecado.*

*Senhor, Deus ferido, por amor,*

*cura as minhas feridas mal cicatrizadas,*

*que sangram a cada passo.*

*Sara-as com o teu abraço.*

*Cura-as com o teu perdão,*

*que nunca volta atrás.*

*Senhor, Deus ferido, por amor,*

*transforma em pérolas as minhas feridas:*

*onde estou mais ferido, elas me tornem mais sensível,*

*onde sinto o coração magoado, aceite ser curado,*

*confesse com humildade a minha culpa*

*e seja perdoado do meu pecado.*

*Senhor, Deus ferido, por amor,*

*que as feridas da minha fragilidade*

*me ajudem a compreender a fraqueza*

*dos pecadores, na tua Igreja santa,*

*e me tornem mais humano,*

*compassivo e misericordioso.*

*Senhor, Deus ferido, por amor,*

*que, no lugar da minha ferida,*

*se abra uma porta para Ti!*

*E, nestas feridas transformadas,*

*encontre o tesouro frágil da fé.*

Pe. Amaro Gonçalo

**OUTRAS HOMILIAS**

**DO II DOMINGO DA PÁSCOA**

**Ano B**

**Homilia no II Domingo da Páscoa B 2018**

1. «*O amor tudo crê*» (*1 Cor* 13,7)! Mas o amor não crê em tudo, porque quem crê em tudo acaba por não acreditar em nada! E o contrário também se poderá verificar: quem não acredita em nada está pronto a acreditar em tudo. Ora, nós acreditamos, sim, mas “*acreditamos no amor que Deus nos tem*” (DCE 1). E só este Amor é digno de fé! A fé que professamos, celebramos, rezamos e vivemos, é a correspondência do nosso amor ao Amor de Deus, que primeiro nos amou! Na 1.ª Carta de São João, *fé* e *amor* aparecem-nos de mãos dadas. E por isso, o verbo crer conjuga-se no imperativo do verbo amar e sob a forma de um único mandamento. O amor é, por isso, o coração da fé. E a fé é a humilde adesão da inteligência, da alma e do coração humano que se fia e confia, que se deixa amar e surpreender por Alguém!

2. É assim também a fé de Tomé, que não merece nada a *porrada* que leva neste dia. A ferida aberta no seu coração, pela morte recente de Jesus, estava ainda a sangrar. E por isso, Tomé reclama *ver* nas mãos do Ressuscitado o sinal dos cravos; ele quer *meter o dedo* no lugar dos cravos e a *mão no lado aberto* do Crucificado para acreditar. Sem pretender provas evidentes, Tomé reclama apenas por alguns sinais, pelos sinais da Sua crucifixão, pelos sinais do Seu amor.

3. E o Amor de Jesus é realmente muito condescendente com a dúvida de Tomé, que pode, por fim, ver os cravos nas mãos e meter o dedo no Seu lado aberto. Mas afinal, quais são as *provas*? Quais os milagres pelos quais Tomé chega à fé? Não há provas nenhumas. Há alguns sinais. E, no caso, não são sinais portentosos, esmagadores, que deixem Tomé convencido e de boca aberta! Não. Os sinais pelos quais chega à fé são os sinais da crucifixão; numa palavra, são os sinais do Amor que Se entrega na Cruz. Só estes sinais dissipam as dúvidas de Tomé e o movem à sua mais bela profissão de fé: “*Meu Senhor e meu Deus*” (*Jo* 20,28). Doravante, não se trata mais de ver para crer. Doravante, só vê quem crê: *«Se acreditardes, vereis*» (*Jo* 11,40). E agora só vê pela fé quem ama, porque só o amor vê o invisível, só o Amor é digno de fé! Com Tomé, aprendemos que acreditar é também uma forma de se deixar amar, de se deixar tocar, de se entregar, de confiar e de se confiar ao Senhor, no Seu imenso amor.

4. Irmãos e irmãs: nas nossas relações familiares, vivamos “*o amor que tudo crê*” (*1 Cor* 13,7). Este amor não pede nem pode dar provas *científicas* de vida, sem deixar margens para dúvidas. O amor que tudo crê está mais pronto a dar sinais do que a pedi-los. É impossível amar e crescer no amor sem a confiança no outro e sem a confiança do outro. Quando falta a confiança entre as pessoas sobra um clima de suspeita que inibe o outro de se exprimir e de partilhar as suas vivências. Na relação conjugal, por exemplo, cada um confia no outro e confia-se ao outro. Não é possível ao esposo ou à esposa colecionar ou exibir *provas de amor*, muito menos através do controlo absoluto, da posse constante e do domínio permanente do outro. Que podemos oferecer ao outro, para que acredite no amor? Apenas podemos apresentar os sinais da Cruz, isto é, os sinais da dádiva, da entrega e do sacrifício pelo outro. Aí está a prova: “*Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por quem ama*” (*Jo* 15,13). Também na comunidade cristã, o crédito dado à notícia da ressurreição não vinha senão dos sinais do amor concreto, em razão dos quais “*não havia nenhum necessitado entre eles*” (*At* 4,34).

5. Reine nas nossas famílias e na nossa comunidade uma confiança sólida e carinhosa. Não desistamos nunca de ninguém. Apesar de tantas feridas abertas, não deixemos de acreditar no amor. O amor que tudo crê, reconhece a luz acesa por Deus, que se esconde por detrás da escuridão ou a brasa ainda acesa sob as cinzas de um amor que parece esfumar-se. Suceda o que suceder, voltemos sempre a confiar. Porque o amor tudo crê! Porque só o amor é digno de fé!

**Homilia no II domingo de páscoa b 2015** [[1]](#footnote-1)

**1.** Tomé não goza de boa fama, em matéria de fé! Mas uma leitura mais atenta do evangelho mostra-nos quanto “*a incredulidade de Tomé é mais útil à nossa fé do que a fé dos que acreditam*” (São Gregório Magno). E é bem curiosa, a este respeito, a lenda de uma visão atribuída a São Martinho, em que o demónio lhe terá aparecido disfarçado de Cristo vivo, mas o santo desmascarou-o, perguntando-lhe: «*Onde estão as tuas chagas*»? Para ele, como para Tomé, essa é a identidade do Ressuscitado: permanecer como Deus ferido por amor, Deus Crucificado.

**2.** O Apóstolo Tomé não é, portanto, um «*materialista*» da nossa época, incapaz de se abrir ao mistério! Diríamos, antes, que Tomé tomou a sério a cruz! E que a notícia sobre a ressurreição de Jesus lhe parecera, talvez, uma espécie de “final feliz”, demasiado fácil, depois de toda a história da paixão. Quis, por conseguinte, ver as chagas de Jesus, quis tocar a carne sofredora de Cristo! Não quis acreditar num Cristo sem cruz, num qualquer deus glorioso e distante, insensível à dor humana! O seu Deus é sempre um Deus ferido. Só a*s chagas do corpo lhe deixariam ver o íntimo do coração* de Jesus (cf. São Bernardo).

**3.** Por isso, Jesus cede às exigências de Tomé: aproxima-Se e mostra-lhe as Suas chagas, como se o confirmasse, na verdadeira fé: *“Vê! O sofrimento – seja ele qual for – não se apagou, nem foi esquecido! As feridas permanecem feridas****.*** *Onde tu tocares no sofrimento humano, ficas a saber que Eu estou vivo, que «Eu sou». Encontrar-me-ás por toda a parte, onde os homens sofrem. Por isso, não fujas de mim, em nenhum destes encontros. Não tenhas medo! Não sejas incrédulo, mas crê! E felizes os que creem, apesar de não verem, felizes os que creem, apesar das feridas abertas, na carne dos que sofrem, apesar das feridas a sangrar, nos que são perseguidos, apesar das feridas da Igreja, nos seus muitos pecados, apesar de todo o mal que há neste mundo em chagas”.* Mas o mesmo Ressuscitado atestará a Tomé: *“Eu que «tomei sobre mim as tuas dores»* (Is.53,5) *transpus também, na obediência, as portas do inferno e da morte, e doravante estou aqui contigo, «todos os dias, para te iluminar, fortalecer, libertar»* (EG 164)*”.* E Tomé pôde ver naquelas feridas abertas «*o amor que tudo suporta*» (1 Cor.13,7), «*o amor mais forte do que a morte*» (Ct 8,6-7)! Com as suas mãos trespassadas, Cristo arrombou as portas da morte!

**4.** A ressurreição não é, pois, um romântico «*final feliz*», mas traz sempre este desafio: **Acreditai!** Não recueis, perante o fogo do sofrimento, mesmo se agora não conseguis extingui-lo. **Acreditai**. Frente ao mal, não vos comporteis, como se a última palavra houvesse de lhe pertencer. **Acreditai.** Não desmereçais da força vitoriosa do amor, mesmo onde ele parece perder terreno. **Acreditai!** Eis a palavra do Senhor, para estas situações de sofrimento, de dor, de feridas ainda e sempre abertas: «***Tende confiança****! Eu já venci o mundo*» (Jo 16, 33). E esta é a vitória que vence o mundo, diz São João: «**a nossa fé**» (1 Jo 5,4). É a certeza da fé, que nos dá “*uma secreta mas firme confiança, mesmo no meio das piores angústias*” (EG 6).

**5.** Queridos irmãos e irmãs: Tomé acreditou, porque viu! Mas o que é que viu? Viu feridas abertas, transformadas em pérolas preciosas! Por isso, também a verdadeira fé será sempre uma fé ferida, exposta a crises e, por vezes, uma fé que chega a morrer, para poder ressurgir. **Acreditai:** “*só uma fé ferida é credível, só ela pode curar. Uma fé que nunca foi cega, que nunca experimentou a escuridão, dificilmente pode ajudar os que não viram e não veem*”.

Por isso, o desafio desta semana é este: **Acreditai.** Acreditai e partilhai a fé, como uma verdadeira chave, que abre no coração a porta da alegria do Evangelho!

**HOMILIA NO II DOMINGO DA PÁSCOA B 2012**

**1.** É Domingo, «*o primeiro dia da semana*». É o dia feliz do encontro com Jesus Ressuscitado. Sem Ele, a comunidade é tomada pelo medo; com Ele, é possuída pela alegria. Jesus manifesta-Se sempre «*no primeiro dia da semana*». Aí os discípulos experimentam a alegria de ver o Senhor, a paz do encontro com Ele. E, doravante, desde a tarde daquele primeiro dia de Páscoa, o encontro está marcado, por Ele. É o encontro fundamental, de que vive a Igreja (Eccl.Euch.1): A Igreja vive, doravante, deste encontro com o Senhor Ressuscitado, à mesa da Eucaristia. Sem a Eucaristia, não vive nem sobrevive, não cresce, nem aparece, não se forma nem transforma!

**2.** Na verdade, sem este encontro dominical, a fé desfalece! O testemunho esmorece! A comunhão enfraquece! A comunidade desaparece, perdendo o seu sinal e a sua força. Tomé é bem um exemplo disto mesmo: fora do grupo e fora do encontro com o Senhor, sente-se incapaz de acreditar. Ele precisa de ver e tocar os sinais da vida de Jesus e da Sua presença, no meio dos Onze. E irá fazer essa experiência, precisamente «*oito dias depois, no primeiro dia da semana*», quando Jesus voltar, para novo encontro. Assim, e doravante, o encontro pascal está marcado por Jesus, todos os oito dias, no primeiro dia da semana, na sala de cima, numa ceia pascal, toda ela muito especial!

**3.** Desde há dois mil anos, a Igreja vive deste encontro comensal e dominical. Não é um encontro qualquer, inventado e programado por nós ou entre nós. É um encontro, «*encabeçado*» pelos apóstolos, uma reunião à volta daqueles a quem Cristo confiou o dom da sua presença eucarística e os outros dons do seu amor! Cada vez que a Igreja, celebra, ao domingo, a Eucaristia, este encontro com o Ressuscitado repete-se. O dom aparece. A presença acontece. A comunhão cresce. Em cada domingo, a Igreja, assim nutrida e reunida, à volta da mesa da Eucaristia, vê-se e revê-se a si mesma, como grande família de irmãos. Na Eucaristia e através dela, a Igreja identifica-se e reforça os laços da sua comunhão com Cristo, com os Apóstolos, com os outros!

**4.** Assim, a Eucaristia, celebrada, em cada domingo e em todos os domingos, convoca-nos e provoca-nos à comunhão, faz-nos ser e viver em comunhão e forma-nos e transforma-nos, para a comunhão (Eccl.Euch.41), uns com os outros em Cristo. A Eucaristia molda a multidão anónima dos que abraçam a fé, numa comunidade de vida e amor, que tem “*um só coração e uma só alma*”. A Eucaristia Dominical é, na verdade, - como disse João Paulo II – “*o lugar privilegiado onde esta comunhão é constantemente anunciada e fomentada*” (NMI 36; Ecc.Euch.41).

**5.** É esta nova e larga mesa de comunhão, que dará também novo sabor e sentido pleno ao sentimento do amor, às palavras e ao alimento, compartilhado por cada família, lá em casa e à mesa, especialmente ao domingo! É necessário, que as famílias voltem a descobrir o domingo, como dia de festa, a partir deste encontro vital com o Senhor, que faz de todos “um só coração e uma só alma”!

A Eucaristia dominical é, sem dúvida, o fermento, o sustento, a alma e o segredo do desígnio, a que nos propusemos, especialmente neste ano pastoral dedicado à Família e juventude*: «viver em comunhão, formar para a comunhão»!*

**Homilia no II Domingo de Páscoa B 2009**

**1.** “*Uma só alma, um só coração”* (Act.4,32)! E podíamos pensar, que os primeiros cristãos comungavam apenas da mesma fé e da mesma oração, ou tão só dos mesmos pensamentos e sentimentos! Mas não! Os cristãos da *primeira hora***,** não tinham somente, em comum, *a alma e o coração*, a *Palavra e a Celebração*. Eles «*tinham* ***tudo*** *em comum*» (Act.2,32). E partilhavam, com a mesma alegria e simplicidade de coração, o pão de sempre e o pão de cada dia! É interessante verificar, que essa partilha dos bens era «*deposta aos pés dos apóstolos*» (Act.2.35), diríamos que «*apresentada como ofertório*» na celebração. E, a partir daí, seria distribuída aos pobres, «*segundo a necessidade de cada um*» (Act.4,35).

**2.** O mesmo livro dos Atos descreve-nos, assim esta “*multidão dos que acreditavam*” como uma verdadeira “*comunidade de amor*”: «*Os irmãos eram assíduos à comunhão fraterna*» (Act.2,42), diz o texto. Viviam verdadeiramente em regime de «*comunhão geral de bens*». E o texto, que há pouco ouvimos, descreve-nos, com precisão, a prática dessa «*comunhão*»: ela «*consiste precisamente no facto de os crentes terem tudo em comum, pelo que, no seu meio, já não subsiste a diferença entre ricos e pobres*» (Bento XVI, DCE, 20). De facto, como diz o texto: «*não havia entre eles qualquer necessitado»* (Act.4,34)!

**3.** Sabemos bem que «*com o crescimento da Igreja, esta forma radical de comunhão material — verdade se diga — não pôde ser mantida. Mas o núcleo essencial ficou: no seio da comunidade dos crentes não deve haver uma forma de pobreza tal, que sejam negados a alguém os bens necessários para uma vida condigna*» (DCE, 20). Aliás, o mesmo livro dos Atos, dá testemunho de como foi preocupação da primitiva comunidade cristã, o serviço do amor ao próximo. Um serviço exercido não apenas *espontaneamente por cada um*, mas também pela *comunidade e de modo organizado*, «*enquanto comunidade de amor*».

**4. Caríssimos irmãos:**

Na sua mensagem de Páscoa, o Papa desafiou-nos a viver este tempo pascal, dando testemunho da caridade**:** “*Ninguém deserte nesta pacífica batalha iniciada com a Páscoa de Cristo, o Qual procura homens e mulheres que O ajudem a consolidar a sua vitória, com as suas próprias armas, ou seja, as armas da justiça e da verdade, da misericórdia, do perdão e do amor*” (Bento XVI)!

Curiosamente,ao longo desta primeira semana de Páscoa, tivemos eco de alguns sinais concretos que a Igreja deu, de atenção e resposta às necessidades do mundo atual: o Papa, além do cálice para a celebração da Missa e dos santos óleos, doou ao arcebispo de L’Aquila, uma oferta especial para as necessidades mais urgentes. A Diocese de Nápoles decidiu criar um banco de micro crédito, para ajudar os mais pobres. No contexto da Semana Santa, vários bispos espanhóis pediram aos sacerdotes diocesanos que partilhassem parte do seu rendimento com a Cáritas. Em Lisboa, há ideias novas, entre o clero, para ajudar a responder, de maneira nova e organizada, à crise. Na nossa Diocese, a renúncia quaresmal destinou-se a prover um fundo social diocesano e o Bispo do Porto desafiou-nos, na sua homilia pascal, “*a preencher os cinquenta dias de Páscoa de motivos próprios de caridade e paz, no Espírito do Ressuscitado*”. E precisou: *«O que agora temos “em vez” dos outros é exatamente o que temos “para” os outros».* No âmbito da nossa comunidade paroquial, esta foi também, ao perto e ao longe, uma semana de luta, com a formalização de uma candidatura, para a construção do Lar.

**5.** Não esqueçamos, então: «*a natureza íntima da Igreja exprime-se num tríplice dever: anúncio da Palavra de Deus, celebração dos Sacramentos e* ***serviço da Caridade****. São deveres que se reclamam mutuamente, não podendo um ser separado dos outros*» (DCE 25). Cuidamos bem da primeira e da segunda. É urgente, cuidar mais e melhor da caridade, d**o amor**, **na** nossa comunidade, e do amor **da** nossa comunidade.

Não basta que cada um, individualmente, faça o melhor pelo outro, mas é preciso que «*a própria comunidade cristã, enquanto família, lute por que “nenhum membro sofra por passar necessidade*» (DCE 25). De facto, «*a Igreja, enquanto comunidade, também deve praticar o amor».* “Há aqui algo a recriar, também como Nova Evangelização” (Dom Manuel Clemente, Homilia Pascal)! Precisamos de “*uma nova fantasia da caridade*” (João Paulo II, NMI 50)! Precisamos de recriar e revitalizar, na comunidade, a organização da Caridade. Precisamos, de novo espírito de missão, com o entusiasmo e colaboração de todos, e com a dinamização própria dos Visitadores de Doentes, da Conferência de São Vicente de Paulo, dos Ministros Extraordinários da Comunhão, dos Agentes da Pastoral Familiar!

**6.** “*Tempo pascal sejam dias preenchidos daquele amor novo, que o Espírito de Cristo derrama em nossos corações, como primeiro dom do Ressuscitado: não temos outro sinal, nem certificação, de que as nossas vidas são pascais*” (Dom Manuel Clemente, Homilia Pascal).

O Espírito do Ressuscitado torne assim operativa a nossa fé e mais criativa a nossa caridade! Assim, “*sejamos Páscoa para a multidão que nos espera*” (Ibidem)!

**Homilia no II Domingo de Páscoa B 2006**

**1.** “*Uma só alma, um só coração”* (Act.4,32)*!* E podíamos pensar, que os primeiros cristãos comungavam apenas da mesma fé e da mesma oração, ou tão só dos mesmos pensamentos e sentimentos! Mas parece que não! Os cristãos da *primeira hora***,** não tinham somente em comum *a alma e o coração*, a *Palavra e a Celebração*. Eles «*tinham tudo em comum*» (Act.2,32). E partilhavam, com a mesma alegria, a fé e a eucaristia, a carteira, o coração e o seu pão de cada dia. Não se trataria aqui, como disseram alguns, de uma “*organização económica*” ditada por uma certa política social! É uma coisa bem mais simples: os que rezam e escutam a mesma Palavra, os que partilham o mesmo Pão da Eucaristia, não podem senão abrir os olhos do coração e praticar a Caridade com o próximo! Aliás, é interessante verificar, que essa partilha dos bens, segundo o testemunho do livro dos Atos, era «*deposta aos pés dos apóstolos*» (Act.2.35), diríamos que era «*apresentada como ofertório*» na celebração. E, a partir daí, seria distribuída aos pobres, «*segundo a necessidade de cada um*» (Act.4,35).

**2.** O mesmo livro dos Atos descreve-nos, assim esta “*multidão dos que acreditavam*” como uma verdadeira “*comunidade de amor*”: «*Os irmãos eram assíduos à comunhão fraterna*» (Act.2,42); diz o texto. Viviam verdadeiramente em regime de «*comunhão geral de bens*». E o texto, que há pouco ouvimos, descreve-nos, com precisão, a prática dessa «*comunhão*»: ela «*consiste precisamente no facto de os crentes terem tudo em comum, pelo que, no seu meio, já não subsiste a diferença entre ricos e pobres*» (Bento XVI, *Deus Caritas est* - DCE, 20). De facto, como diz o texto: «*não havia entre eles qualquer necessitado»* (Act.4,34)!

**3.** Sabemos bem que «*com o crescimento da Igreja, esta forma radical de comunhão material — verdade se diga — não pôde ser mantida. Mas o núcleo essencial ficou: no seio da comunidade dos crentes não deve haver uma forma de pobreza tal, que sejam negados a alguém os bens necessários para uma vida condigna*» (DCE, 20). Aliás, o mesmo livro dos Atos, dá testemunho de como foi preocupação da primitiva comunidade cristã, o serviço do amor ao próximo. Um serviço exercido não apenas *espontaneamente por cada um*, mas também pela *comunidade e de modo ordenado*, «*enquanto comunidade de amor*».

**4. Caríssimos irmãos:**

Graças, em boa parte, aos frutos do “*Ano da Eucaristia*” (2004-05), a nossa ***Liturgia*** tem vindo a manifestar-se, cada vez mais esplendorosa e bela. Neste Ano Pastoral (2005-06), a ***Palavra de Deus***, vai conquistando o seu primado, na vida da comunidade, como bem se viu na Semana Bíblica. Mas não podemos esquecer: «*a natureza íntima da Igreja exprime-se num tríplice dever: anúncio da Palavra de Deus, celebração dos Sacramentos e* ***serviço da Caridade****. São deveres que se reclamam mutuamente, não podendo um ser separado dos outros*» (Bento XVI, *DCE* 25).

**5.** É urgente, por isso, **o amor**, ***na*** nossa comunidade, e o amor ***da***nossa comunidade. A cidade em que vivemos é o lugar onde a miséria é mais sentida, mais escondida, e mais cruel. Até à cidade vêm, de todos os quadrantes do concelho, pessoas indigentes, que para aqui foram atraídas pelo nosso nível de vida, ou conduzidas pela segurança social, ou acolhidas pela autarquia. Com os bairros sociais, a pobreza multiplicou-se. Não temos recursos, para acudir, sozinhos, a tudo e a todos os pobres e sós, que vivem na área geográfica das nossas comunidades. Mas temos o especial dever de nos envolver, e de comprometer os demais, na caridade! Por outras palavras, não basta que cada um, individualmente, faça o melhor pelo outro, mas é preciso que «*a própria comunidade cristã, enquanto família, lute por que “nenhum membro sofra porque passa necessidade*» (Bento XVI, *DCE* 25). De facto, «*a Igreja, enquanto comunidade, também deve praticar o amor».*

**6.**Precisamos, por isso, de revitalizar, na comunidade, a organização da Caridade. Precisam de sangue novo e espírito novo, a Conferência de São Vicente de Paulo, os Ministros Extraordinários da Comunhão, os Agentes da Pastoral Familiar. E precisamos de começar pela prática concreta da «*Caridade*» aqui, nesta casa, sendo mais pessoas a dar, no Ofertório, para podermos dar mais a quem precisa! «*Pratiquemos, pois, o bem para com todos, mas principalmente para com os irmãos na fé*» (Gal.6,10).

«*É hora de uma verdadeira fantasia da caridade*» (João Paulo II, NMI 50), para que sejamos uma só alma e um só coração. «*O programa do cristão, o programa de Jesus, é o de um coração que vê. Este coração vê onde há necessidade de amor, e age em consequência* (Bento XVI, *DCE* 31)!”

**Homilia no II Domingo da Páscoa B 2003**

1. É Domingo, «o primeiro dia da semana». É o dia do encontro de Jesus Ressuscitado. Sem Ele, a comunidade reúne-se, mais dominada pelo medo que possuída pela alegria. Jesus aparece sempre «no primeiro dia da semana». Aí os discípulos experimentam a alegria de ver o Senhor. A alegria e a paz do encontro com Ele. E, doravante, desde a tarde daquele primeiro dia, o encontro está marcado. É o encontro de que vive a Igreja (Eccl.Euch.1) e donde parte a Igreja para a missão. A Igreja vive constantemente daquele encontro com o Senhor Ressuscitado.
2. Sem este encontro, a fé desfalece. O testemunho esmorece. Perde o seu sinal e a sua força. Tomé, fora do grupo e fora do encontro com o Senhor, sente-se incapaz de acreditar. Ele precisa de ver e tocar os sinais da vida de Jesus e da Sua presença. Por isso, «oito dias depois, no primeiro dia da semana» Jesus volta. O encontro está marcado todos os oito dias, no primeiro dia da semana. Jesus oferece os sinais da sua presença. Sinais que, afinal, Tomé nem ousa tocar. Vê e acredita, com o discípulo amado, ao chegar ao túmulo. O Senhor está vivo. Escapa-se-lhe aos olhos da carne. Mas sente-o aos olhos da fé.
3. Desde há dois mil anos, a Igreja vive deste encontro. Não é um encontro qualquer. Um encontro, «encabeçado» pelos apóstolos, uma reunião à volta daqueles a quem Cristo confiara o dom da sua presença eucarística, e agora o dom da sua misericórdia, no dom do Espírito Santo. Cada vez que a Igreja, celebra, ao domingo, a Eucaristia, este encontro com o Ressuscitado repete-se. O dom renova-se. A presença renova-se. Cada domingo, assim reunida, a Igreja vê-se a si mesma, como comunidade de crentes. Identifica-se nos laços da sua comunhão com Cristo, com os Apóstolos, com os outros. Nos sinais do Pão e do Vinho eucarísticos, a Igreja é chamada, como Tomé, a confessar a sua fé: «Meu Senhor e meu Deus». Consente na fé a uma presença, cujos sinais de pobreza a aproximam de tão grande mistério.
4. A Eucaristia, celebrada dominicalmente, cria comunhão e educa-nos para a comunhão (Eccl.Euch.41), transformando lentamente a multidão dos que acreditam num só coração e numa só alma. A Eucaristia Dominical é o lugar privilegiado onde esta comunhão é constantemente anunciada e fomentada (NMI 36; Ecc.Euch.41). Que este nosso encontro dominical reforce sempre os laços da nossa fé, aumente a nossa alegria e fortaleça a nossa comunhão.

Homilia – II Domingo de Páscoa B 2000

**1. “***Não sejas incrédulo mas crente*”! (Jo.20,27) É uma espécie de censura carinhosa do Cristo Ressuscitado ao discípulo em dúvida.... ao discípulo que não vê sinais de vida e tem dificuldade em acreditar. E parece-nos um desafio à nossa fé. Uma espécie de resposta divina, à nossa atrevida ignorância, ao fazer perguntas a Deus, pedindo-Lhe contas da sua ausência: Porque não se manifesta a nós na evidência do milagre e do poder? Porque entra na nossa vida, de portas fechadas, sem nos tolher o medo, com o barulho da sua chegada? Porque não se põe acima de nós, com toda a força da sua majestade, e se coloca, no nosso meio, como um de nós, sem quase darmos conta da sua presença?

**2.** No fundo, Jesus, na incredulidade de Tomé, ensina-nos o caminho da fé. Assim, na fé, não se trata de uma mente rendida, face ao poder do milagre! Como se não tivéssemos outro remédio senão acreditar! Não se trata ainda menos de uma conquista alcançada, ao cabo de um enorme esforço, no ato de pensar! Como se Deus fosse um produto intelectual. Não se trata tão pouco de um sentimento caloroso, em compensação de um qualquer favor divino. Como se Deus nos conquistasse com os seus próprios dons.

**3.** A fé é adesão, entrega, aceitação, rendição. Aceitação de um Deus, diverso do que penso! Que entra na minha vida até por pequenas friestas, de portas que teimo tantas vezes em fechar. Acolhimento de um Deus, fora das minhas medidas: bem mais pequeno, que a minha grande ambição, bem maior que a minha pequena dimensão. Adesão a um mistério que não domino, mas que me alcança e me faz procurar sempre mais e mais além. Rendição, face às surpresas da vida, que teimam em ensinar-me a ler algo de misterioso e de divino, nas letras tortas e sinuosas da minha difícil aventura humana.

**4.** A nossa fé, na maior parte das vezes, tem de renunciar a apoios e a sinais, para se bastar a si própria. Não raro, o nosso caminho de fé é percorrido «*ao anoitecer*», é provado pela experiência do «*sepulcro vazio*», é desnudado numa alma despida de consolações e companhia. É aí que a fé se torna verdadeiramente “*acreditar sem ver*”, acolher sem perguntar, aceitar sem duvidar, ver sem tocar, saborear sem dominar. *Felizes os que acreditam sem terem visto*” (Jo.20,29), os que, sem estrelas no caminho, ou sem sinais à porta do coração, acreditam ser guiados por uma Luz, habitados por uma presença, levados para mais longe de si.

**5.** Caríssimos: A nossa fé deverá sempre ser mais generosa a dar sinais do que a exigi-los. A dar sinais, porque não se pode encerrar nunca dentro das paredes do meu íntimo, da minha casa ou da minha Igreja. Quando pulsa no coração, a fé faz mover o corpo e dá sinais de vida. Ele vence a própria lógica poderosa do mundo, com a força imparável do amor. Assim “os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, com grande poder; tudo entre eles era comum e não havia qualquer necessitado (Act.4,33.35) ”.

Mas – e insisto - a fé deverá aprender a crescer na noite, a vencer este mundo, com a grandeza dos factos, sem pretender convencer pela força dos argumentos. Ainda que os nossos olhos estejam, por agora, enevoados por tanto mal no mundo e por tantas feridas cravadas no peito dos Homens, na contemplação da fé é bem possível perscrutar um sentido e um mistério, que desponta e se desenvolve no coração da História. Entre o absurdo e o mistério das coisas e da vida, eu escolho o mistério, que abraço pela fé. Como disse Natália Correia:

*“Creio nos anjos que andam pelo mundo,*

*creio que tudo é eterno num segundo”(...)*

*Creio no incrível, nas coisas assombrosas,*

*na ocupação do mundo pelas rosas”!*

São João diz isto ainda mais simplesmente: “*Esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé*” (I Jo.5,4)!

##### Homilia no II Domingo de Páscoa B 1997

É Domingo. Jesus ausente. Portas fechadas. Que os judeus poderiam querer ajustar contas. Trancas à porta até ver. Medo e desilusão. O pavor do Calvário estava bem gravado na memória. Jesus irrompe. Vence a morte e traz Vida. Colocou-se no meio deles. Dá-lhes a certeza de estar vivo. Mas desilude os que o imaginariam por aí aos saltos, de aparição em aparição. Comunica o seu Espírito. Irradia a sua Vida. Dá-lhes a Paz. Envia-os. Testemunhas da sua Ressurreição, os apóstolos ficam comprometidos. O encontro naquele primeiro Domingo de Páscoa foi um clarão de Luz a iluminar, uma força a impelir, uma vida nova a brotar...nas suas vidas.

Azar foi o de Tomé. E sorte a nossa. Ele, como nós, não tinha visto nada. Exigia os sinais. Ver para crer. Nada de contos e ditos. *Cuidado*, - pensava ele - *não vá a saudade e o sentimento andarem a fazer estragos na vossa cabeça.* Se vós O vistes, eu não sou menos que um de vós. E Jesus veio de novo, para mais um encontro. É mesmo Ele, o Crucificado. Não é uma ilusão. Para o confirmar, Jesus cede à exigência de Tomé. *Anda lá, mete o dedo. Vê as minhas mãos. Aproxima a tua mão e mete-a no meu lado.* E Ele “tocou e exclamou*: Meu Senhor e Meu Deus. Disse-lhe Jesus: Porque me viste, Tomé, acreditaste*. (...) Então, se Tomé viu e tocou, porque é que lhe diz o Senhor: *Porque me viste acreditaste?* É que ele viu uma coisa (os sinais humanos da paixão e da vida de Jesus) e acreditou noutra” (na realidade divina de Jesus) (S. Gregório Magno). Acreditou que não era apenas um Homem, um herói de regresso a casa, mas o Senhor da sua Vida, o Deus do seu coração. Não foi o ver e tocar a carne com as mãos que lhe provaram que Aquele era o Ressuscitado, o Deus e Senhor. Foi pela fé que o descobriu! Uma fé que parte de um desejo ardente, passa pela dúvida sincera e chega à adoração humilde: *meu Senhor e meu Deus*».

Queria então que hoje nos aproximássemos de Tomé para ver nele esta necessidade de todos nós em «tocarmos» os sinais para acreditarmos. Quantos dos homens e mulheres do nosso tempo não andarão por aí perdidos, desnorteados, porque lhes falta encontrar em nós esses sinais da presença viva de Cristo Ressuscitado??? A descrença do mundo contemporâneo não é, em boa parte, herdeira de uma fé cristã apagada, que não dá sinais de Vida? A confirmá-lo está o sinal contrário: no princípio da Igreja, uma dúzia de homens e o arrojo de algumas mulheres bastou para fazer que muitos chegassem à fé. E muitos acreditaram, não porque a força dos argumentos era arrasadora. Mas porque, “contra factos, não há argumentos”. Os sinais de Vida dos primeiros cristãos dissipavam todas as dúvidas: *a multidão dos que acreditavam era um só coração e uma só alma*. Que é como quem diz: a fé só é verdadeira quando é de carne e osso... e sangue. Muitos não acreditam! É porque ainda não foi até ao sangue o nosso testemunho!...

###### Homilia no II Domingo de Páscoa B 1994

1. Alegria, paz e comunhão nas ruas...

Foi o Domingo da Ressurreição. A Igreja saiu à rua em festa, em alegria e em comunhão. Portas abertas, sem medo de nada, sem receio de ninguém. Sorrisos gratuitos. O fogo no ar a gritar pela festa, pelo gratuito, pela alegria que não tem preço. Foi a Visita Pascal. A Cidade vestiu-se com as cores da Páscoa e revestiu-se de sentimentos de ressurreição. Imagino que se algum descrente ou alguém de fora nos visitasse, sem perceber o que se passava, depressa se deixaria contagiar pelo nosso testemunho e perguntaria sobre as razões da nossa Alegria. E diríamos simplesmente: Cristo Ressuscitou, Aleluia.

2. Testemunho de uma fé vivida!

Pois é mesmo assim. É esta experiência de Ressurreição que nos dissipa o medo e nos inebria de alegria. Sem esta «experiência» de encontro íntimo, de fé pessoal, com Cristo Ressuscitado, permanecemos aterrados ao chão, fechados e tímidos, sem alegria nem Vida. Vede Tomé. Ele estava fora do grupo, ausente quando Jesus entrou com as portas fechadas e desbloqueou o medo dos discípulos. Chegou e disseram-lhe «Vimos o Senhor». Ele é que não esteve com meias tintas e quis ver com os próprios olhos. O que os outros lhe haviam dito não chegava para que ele acreditasse. Queria ver por Ele. Jesus aparece de novo, mas com os outros e revela no meio do grupo os sinais da sua identidade de Ressuscitado: não é um fantasma, não é uma ilusão. Tem mãos e tem chagas. É o Crucificado. Que entra de portas fechadas. É a mesma pessoa, mas uma presença diferente. «Felizes os que creem sem terem visto». Felizes os que, apoiados apenas nos sinais e no testemunho dos outros, chegam à fé.

3. Numa geração de gente Ressuscitada!

Era para nós que Jesus falava, evidentemente. A dizer-nos que somos de uma geração nova, gente que não viu o Ressuscitado, mas que vive ressuscitada, que crê apoiada no testemunho que outros nos deixaram e que dá sinais de Vida ao crer no Ressuscitado. Esses sinais de Vida são aqueles mesmos que experimentamos na Visita Pascal: o dom da alegria, da paz e da comunhão. Crer na Ressurreição é experimentar por dentro toda a força, toda a vida, toda a energia, que Cristo Ressuscitado nos oferece. Aquele que crê, experimenta uma presença viva de Jesus Cristo e, transformado por Ele, dá testemunho da Ressurreição. Foi isso que se espelhou nas ruas apinhadas de gente, nas melodias da Banda, no fogo que nos estremecia o coração, nas janelas abertas, decoradas de simpáticos rostos, nas mesas postas sem convites artificiais. Esta alegria e esta comunhão, feita de portas abertas, são um testemunho que deve ficar, que se deve intensificar. Penso que foi este um dos sinais mais fortes da Ressurreição e que podemos e devemos dar a quantos, na nossa Cidade, esperam ver novos sinais para acreditar que Cristo está vivo.

 É isto a Ressurreição: Festa da Vida, da alegria e da comunhão. Muitos ainda hão de crer...ao ver-nos assim, gente Ressuscitada! É Páscoa. «Nós vimos o Senhor»!

**OUTRAS**

**HOMILIAS**

**A PARTIR DO EVANGELHO COMUM**

**AOS TRÊS CICLOS**

**(a - b - c)**

**Homilia no II Domingo da Páscoa C 2019**

*“Cristo, morto e ressuscitado, Porto da Misericórdia e da Paz”*! Com este lema, chegámos à Páscoa de 2019, que agora celebramos, ao longo de cinquentas dias. Neste domingo, dentro da Oitava da Páscoa, que São João Paulo II quis dedicar à *Misericórdia Divina*, a Liturgia da Palavra permite-nos recapitular, em jeito de síntese, a meta desta nossa caminhada. Façamo-lo em três breves palavras:

**1.** A 1.ª Palavra é esta: ***Cristo, morto e ressuscitado,* é o Eterno Vivente!** Escutávamo-lo na 2.ª leitura, na voz do Ressuscitado: “*Eu sou o Primeiro e o Último, Aquele-que-vive. Estive morto, mas eis-Me vivo pelos séculos dos séculos*” (*Ap* 1,18). Esta é a mais bela e surpreendente notícia que o mais jovem apóstolo tem hoje para ti: “*Cristo vive e quer-te vivo*” (*Christus vivit*, n.º1). Devemos voltar a recordá-lo, com muita frequência, como o anúncio fundamental, pois “*corremos o risco de tomar Jesus Cristo, apenas como um bom exemplo do passado, como uma recordação, como alguém que nos salvou há dois mil anos. Isso não nos serviria de nada, deixar-nos-ia iguais, não nos libertaria. Aquele que nos enche com a sua graça, aquele que nos liberta, aquele que nos transforma, aquele que nos cura e nos consola é alguém que vive” (Ibidem,* n.º 124). Ele não é um retornado, uma réplica ou uma relíquia do passado! Ele é o eterno Vivente. Ele está vivo e vive para sempre. Ele está contigo e nunca Se vai embora. Mas não esqueças: Ele permanece como o *Crucificado*. Ele identifica-Se com todos os feridos e com todas as feridas da humanidade; não Se descarta dos que estão na provação, no sofrimento e no luto. Por isso, é que nós continuamos a anunciar um “*Cristo, morto e ressuscitado”*! Vede como o fizemos na Visita Pascal: nós anunciámos Cristo Vivo e Ressuscitado, mas dando a beijar a imagem do Cristo Crucificado! Celebremos então a Páscoa, como gente viva e ressuscitada, que continua a seguir o Crucificado, e não se deixa abater nem lamentar, antes se deixa animar e renovar continuamente por Ele!

**2**.A 2.ª Palavra é esta: ***Cristo é o nosso Porto da Misericórdia!*** São Tomé tinha razão: **u**m Deus glorioso e distante, que na Sua glória e na Sua vitória, não tivesse as *marcas* da nossa dor e do nosso sofrimento, de nada nos valeria! Também nós somos desafiados, como Tomé, a tocar e a contemplar estas chagas do Ressuscitado, porque são as chagas da Sua misericórdia, pelas quais fomos curados (cf. *1* *Pe* 2,24). As chagas de Cristo, morto e ressuscitado, são como que fendas abertas pelas quais podemos entrar e atracar no Seu coração, que é o verdadeiro porto da misericórdia, o único lugar seguro em que estamos definitivamente a salvo. Celebremos então a Páscoa, difundindo sem medida o perfume da Sua misericórdia, tocando a carne sofredora de Cristo nos mais pobres e sós!

**3.** A 3.ª palavra é esta:***Cristo é o nosso Porto da Paz!*** Anota o Evangelho, e por duas vezes, que “*Jesus veio, pôs-Se no meio deles e disse: «A paz esteja convosco*»” (*Jo* 20,19.26), ou talvez ainda melhor: “*A paz está convosco*”. Esta Paz é Ele mesmo, no meio dos Seus discípulos. Jesus vem, uma e outra vez, à sala da Última Ceia, não para um ajuste de contas com o passado, não para ignorar ou branquear as fraquezas, negações e traições dos discípulos, mas para lhes oferecer o perdão e assim a Paz. Com o dom do perdão, não se trata de encobrir ou enfaixar o pecado; mas de o ajudar a encarar e a assumir, pois aquilo que não é assumido não pode ser redimido! Com este dom do perdão, Jesus recria o coração dos Seus discípulos. E eles podem doravante assumir o seu pecado e recordar o seu passado, mas agora sob o olhar misericordioso do Senhor, que os liberta da culpa e lhes pacifica os corações, pois “*só quem é amado pode ser salvo. Só quem é abraçado pode ser transformado*” (*Christus vivit*, n.º 120).

Atracados, por fim, em Cristo, morto e ressuscitado, Porto da Paz, celebremos, reconciliados com tudo e com todos, esta Páscoa, anunciando o essencial da nossa fé: “*Deus ama-te. Cristo salva-te. Cristo vive e quer-te vivo. Aleluia*”.

**Homilia no II Domingo da Páscoa A 2017**

*«Muitos outros sinais miraculosos fez Jesus, na presença dos seus discípulos,*

*que não estão escritos neste livro» (Jo*20,30).

**1.** O Evangelho da alegria e da misericórdia permanecerá sempre *um livro aberto*. Todos somos chamados a tornarmo-nos escritores viventes e permanentes deste Evangelho! Podemos escrevê-lo, praticando diariamente uma das 14 obras de misericórdia, corporais ou espirituais, que definem bem *o estilo de vida do cristão* e que, por isso mesmo, vos deixamos gravadas, no papiro desta semana! Deste modo damos continuidade ao que fez Jesus no Dia de Páscoa, quando derramou, nos corações assustados dos discípulos, a misericórdia do Pai, efundindo sobre eles o Espírito Santo, que perdoa os pecados e dá a alegria.

**2.** [Na visita pastoral que há pouco vivemos, e] na visita pascal deste ano, que mais uma vez fizemos, demo-nos conta, de que aqui e ali, naquela rua ou naquele prédio, há sempre uma pessoa, há tantas pessoas, que, mesmo parecendo ter as suas portas fechadas, estão à nossa espera, e sobretudo pedem para ser escutadas e compreendidas. Mesmo se algumas delas não participam habitualmente nas nossas celebrações, ou nem sequer sabem onde fica a Igreja, o facto é que, no mais fundo de si mesmas, estão abertas ao Evangelho da misericórdia, se formos capazes de O anunciar e escrever nas suas vidas, com gestos concretos de proximidade, atenção, ternura e amor. De Cristo, cujas chagas permanecem abertas, devemos aprender que, para anunciar uma grande alegria àqueles que são muito pobres ou estão feridos pela vida, tal só se pode fazer de forma terna e humilde, sem presunção de superioridade, nem rigidez da verdade, nem ansiosa pressa de esgotar toda a água contida na ânfora. Aprendamos a dar a beber desta fonte, por pequenos goles, como água na concha da mão, à medida da sede de cada um. Só assim a evangelização será respeitosa, concreta e jubilosa.

**3.** Isto exige que a nossa comunidade abra as suas portas, não apenas para receber quem a procura, mas para sair de si mesma, para ir ao encontro dos outros, através de cada um de nós, como pessoas de coração paciente e aberto, como «bons samaritanos», que conhecem a compaixão e o silêncio, perante o mistério do irmão e da irmã; isto implica que nos tornemos serventes generosos e alegres, que amam gratuitamente, sem nada pretender em troca. Muitas vezes vemos, diante de nós, uma humanidade ferida e assustada, que tem as cicatrizes do sofrimento e da incerteza. Hoje, face ao seu doloroso clamor de misericórdia e paz, ouçamos como que dirigido a cada um de nós o convite feito confiadamente por Jesus: «*Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós*» (*Jo* 20,21).

**4.** Para corresponder a este desafio da missão, precisamos sobretudo de perder o medo, que nos ata e paralisa. Não são principalmente os outros *que têm as portas fechadas* ao anúncio do Evangelho da alegria e da misericórdia. Nós próprios temos, tantas vezes, *as portas fechadas do nosso coração*, com medo, não dos judeus mas dos desconhecidos, dos distantes, dos não praticantes, dos vizinhos, daqueles que não pensam ou não vivem ou não sentem a fé como nós. Mas a [visita pastoral e a] tradicional visita pascal mostrou-nos, mais uma vez, que muitos desses medos são injustificados, são exagerados, são até preconceituosos. Há sempre, e até onde menos se espera, tantas pessoas recetivas a acolher a alegria do Evangelho. Percamos o medo. O Espírito dir-nos-á, em cada momento, aquilo que devemos dizer aos nossos adversários (cf. *Mt* 10,19) e iluminar-nos-á sobre o pequeno passo em frente, que podemos dar naquele momento.

**5.** São tantos os que querem sentir a frescura da «água batismal» e beber da ânfora da nossa fé em Cristo ressuscitado, “*fonte de uma alegria inefável e gloriosa*”! Maria, «*nuvem de misericórdia*», nos guie para esta fonte e nos ajude a praticá-la, em cada dia, com alegria!

**HOMILIA[[2]](#footnote-2) NO II DOMINGO DE PÁSCOA C (OU DA DIVINA MISERICÓRDIA) 2016**

**1.** “*Jesus veio, pôs-Se no meio deles e disse: «A paz esteja convosco!». E mostrou-lhes as mãos e o peito*” (Jo 20,19-20), mostrou-lhes as Suas chagas. Reconheceram, assim, que não se tratava de uma visão, mas era mesmo Ele, o Senhor, e encheram-se de alegria. Oito dias depois, Jesus veio de novo ao Cenáculo e mostrou as chagas a Tomé, a fim de que as tocasse, como ele pretendia, para poder acreditar e tornar-se, também ele, testemunha da Ressurreição.

2. Hoje, neste domingo que São João Paulo II quis dedicar à Misericórdia Divina, o Senhor mostra-nos também a nós, através do Evangelho, as Suas chagas. São chagas de misericórdia. É verdade! As chagas de Jesus são chagas de misericórdia. «*Fomos curados pelas Suas chagas*» (Is 53,5). Jesus convida-nos a contemplar estas chagas, convida-nos a tocá-las – como fez com Tomé – a fim de curar a nossa falta de fé e o nosso pecado. Convida-nos sobretudo a entrar no mistério destas chagas, que é o mistério do Seu amor misericordioso. Através delas, como que por uma brecha luminosa, podemos ver todo o mistério de Cristo e de Deus: a Sua Paixão, a Sua vida terrena – cheia de compaixão pelos pequeninos e pelos doentes – a Sua encarnação no ventre de Maria (…), a Sua Paixão, morte e ressurreição. São Bernardo diz que, «*através das feridas do corpo, manifesta-se a recôndita caridade do coração [de Cristo], torna-se evidente o grande mistério do amor, mostram-se as entranhas de misericórdia do nosso Deus*» (Disc. 61, 3-5: Opera omnia 2, 150-151).

3. Por isso, seja diante dos meus pecados, seja diante das grandes tragédias do mundo, «*a consciência sentir-se-á turvada, mas não será abalada, porque me lembrarei das feridas do Senhor. De facto, “foi trespassado por causa dos nossos crimes” (Is 53,5). Que haverá de tão mortal, que não possa ser absolvido pela morte de Cristo?*» (Disc. 61, 3-5: Opera omnia 2, 150-151).

4. Este «*Domingo da Divina Misericórdia*» vem reforçar a consciência da graça deste jubileu, de um ano inteiro, para celebrarmos a misericórdia de Deus. É o tempo favorável para tratar as feridas, para oferecer a todos o caminho do perdão e da reconciliação. Nesta 2.ª semana da Páscoa, somos chamados a ***perdoar as injúrias***. É a 5.ª obra de misericórdia espiritual, que queremos viver, a partir do testemunho de Jesus ressuscitado. Aparecendo aos discípulos, Jesus Ressuscitado não faz nenhum ajuste de contas com eles. Mas convida-os a tocar as feridas, a assumir a realidade do pecado que fere o Seu coração. Mas é precisamente aí, pondo o dedo na ferida, assumindo a culpa, que os discípulos experimentam a abundância da misericórdia, que Jesus derrama sobre eles, com o dom do Espírito Santo. E, com esse dom maior, vêm a paz e o perdão dos pecados.

5. Irmãos e irmãs: perdoar não significa ignorar a ferida, enfaixá-la sem a tratar. Não. O perdão implica, para quem o recebe, não esquecer o pecado, a fim de não voltar a repeti-lo, mas, apesar do seu pecado, nunca desesperar da misericórdia divina, a fim de não desertar do caminho da vida. Por outro lado, o perdão implica, para quem o oferece, deixar de se fazer vítima do pecado do outro e fazer da ofensa recebida uma bela ocasião para oferecer misericórdia e assim fazer triunfar a luz do amor e da paz.

Com o olhar voltado para as chagas de Jesus Ressuscitado, podemos deixar que a misericórdia de Deus transforme a nossa vida e nos ajude a transformar a vida dos outros. Em tudo e sempre, irmãos e irmãs, comigo e com toda a Igreja, “*dai graças ao Senhor, porque Ele é bom; é eterna a Sua Misericórdia*” (Sl 117/118,1-2).

**Papa Francisco, Homilia nas Vésperas do II Domingo de Páscoa, 11.4.2015**

Presente no coração de muitos está esta pergunta: *Por que motivo um Jubileu da Misericórdia, hoje?* Simplesmente porque a Igreja é chamada, neste tempo de grandes mudanças epocais, a oferecer mais vigorosamente os sinais da presença e proximidade de Deus. Este não é o tempo para nos deixarmos distrair, mas para o contrário: permanecermos vigilantes e despertarmos em nós a capacidade de fixar o essencial. É o tempo para a Igreja reencontrar o sentido da missão que o Senhor lhe confiou no dia de Páscoa: *ser sinal e instrumento da misericórdia do Pai* (cf. Jo 20, 21-23).

Por isso o Ano Santo deverá manter vivo o desejo de individuar os inúmeros sinais da ternura que Deus oferece ao mundo inteiro, e sobretudo a quantos estão na tribulação, vivem sozinhos e abandonados, e também sem esperança de ser perdoados e sentir-se amados pelo Pai. Um Ano Santo para sentirmos intensamente em nós a alegria de ter sido reencontrados por Jesus, que veio, como Bom Pastor, à nossa procura, porque nos tínhamos extraviado. Um Jubileu para nos darmos conta do calor do seu amor, quando nos carrega aos seus ombros e nos traz de volta à casa do Pai. ***Um Ano em que sejamos tocados pelo Senhor Jesus e transformados pela sua misericórdia para nos tornarmos, também nós, testemunhas de misericórdia.*** Eis o motivo do Jubileu: porque este é o tempo da misericórdia. É **o tempo favorável para tratar as feridas, para não nos cansarmos de ir ao encontro de quantos estão à espera de ver e tocar sensivelmente os sinais da proximidade de Deus, para oferecer a todos, a todos, o caminho do perdão e da reconciliação**.

**Homilia no II Domingo de Páscoa C 2013**

**1.** Vem-nos mesmo a calhar esta dúvida de Tomé, em pleno Ano da Fé! Tomé pertence à nossa e à nova geração, a quem se fecham todas as portas; uma geração, por isso mesmo, descrente de tudo, e desconfiada de todos, uma geração disposta apenas a acreditar naquilo que vê e se toca com as próprias mãos! Mas esta é, ao mesmo tempo, uma geração desapontada, com as conquistas da escola e da razão, da ciência e da técnica, e, por isso mesmo, capaz de acreditar em tudo, e no seu contrário, num esforço desesperado por encontrar um sentido para a vida, por encontrar as razões de amar, de sofrer, de viver e de morrer! Por isso, é uma geração que tem ainda uma vontade enorme de acreditar, quer *ver para crer*, e *precisa de crer para ver mais alto*, mais longe, mais fundo!

**2.** O saber da ciência, embora seja importante, só, por si, não basta. Todos precisamos de outra sabedoria, do amor, de um significado e de uma esperança, de um fundamento seguro e de um terreno sólido, que nos ajude a viver, com um sentido autêntico, também no meio da crise, nas obscuridades, nas dificuldades e nos problemas quotidianos! Precisamos, enfim, da fé, como de pão para a boca. E, lá no fundo, nós queremos crer, que, por trás de tudo, haja um sentido, uma presença, um Outro, que nos acolha, e sobre o qual alicerçar a nossa vida. Cada um pressente, no seu coração, a saudade e a necessidade, desse “*Tu, para além de mim*”, a quem me entregar, em quem confiar. Esta é, no fundo, a brecha do coração, pela qual sopra o Espírito Santo, que abre as nossas portas fechadas à fé e permite ao Senhor entrar, tocar as suas chagas e curar as nossas feridas.

**3.** Por isso, vencida a dúvida, Tomé pôde exclamar: «*Meu Senhor e meu Deus*» (Jo 20,28). Ele passa da incredulidade ao êxtase. Entrega-se, confia-se a um Deus, a quem chama «*meu* Senhor»; rende-se a um Senhor, a quem chama «*meu* Deus». Não é já o Deus estranho dos livros, dos teólogos ou dos filósofos, o deus dos outros, mas o Deus da sua vida, como se Tomé dissesse: “*Ele é parte de mim e eu sou parte d’Ele*” (Ct.6,3). A fé não indica, portanto, uma posse, mas uma pertença, uma relação vital e pessoal: Ele é o «*meu Deus*», porque me faz viver, é a parte melhor de mim; é «meu», como o é o coração, e sem Ele não existirei. É «meu» como o é a respiração e sem ela não viverei.

**4.** Aqui se percebe que a fé não é simples adesão da mente a uma verdade; é adesão plena da minha vida, da mente, do coração, da vontade, a um «Tu», que me dá esperança e confiança. Então, ter fé é encontrar este «Tu», este Deus, que me sustém, e me faz a promessa de um amor indestrutível, que não só aspira à eternidade, mas também a concede; é confiar-me a Deus com a atitude da criança, que sabe bem que todas as suas dificuldades, todos os seus problemas estão salvaguardados, nesse Tu, no colo de Sua mãe.

**5.** Temos que ser capazes de anunciar, com a palavra, e de mostrar com a nossa vida cristã, esta certeza libertadora e tranquilizadora da fé, àqueles que nos parecem de portas fechadas e, que todavia, mantêm uma brecha, sobre a qual o Espírito Santo pode soprar, para acender ou reacender a chama da fé. Dizei aos jovens: «*Aceita Jesus Ressuscitado na Tua Vida. Mesmo se estiveste longe, dá um pequeno passo, na sua direção. Ele espera-te de braços abertos*» (Papa Francisco). Na verdade, nós só podemos crer em Deus, porque Ele primeiro se aproxima de nós e nos toca, porque afinal o Espírito Santo, dom do Ressuscitado, nos torna capazes de acolher o Deus vivo. Só podemos alcançar a fé, com «*o auxílio do Espírito Santo, o qual nos move e converte a Deus o nosso coração, abre os olhos do entendimento, e dá a todos a suavidade em aceitar e crer na verdade*» ([*Dei Verbum*](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html), 5).

Peçamos, então, ao Senhor, a graça, deste «sim» da fé, que transforme, por inteiro, a nossa vida, que lhe dê outro sabor, outro entendimento, que nos abra caminho a uma vida feliz, rica de júbilo e de esperança confiável.

**HOMILIA DO SANTO PADRE FRANCISCO**

**II Domingo de Páscoa ou da Divina Misericórdia, 7 de abril de 2013**

**1.** Hoje celebramos o Segundo Domingo de Páscoa, designado também «Domingo da Divina Misericórdia». A misericórdia de Deus: como é bela esta realidade da fé para a nossa vida! Como é grande e profundo o amor de Deus por nós! É um amor que não falha, que sempre agarra a nossa mão, nos sustenta, levanta e guia.

**2.** No Evangelho de hoje, o apóstolo Tomé experimenta precisamente a misericórdia de Deus, que tem um rosto concreto: o de Jesus, de Jesus Ressuscitado. Tomé não se fia nos demais Apóstolos, quando lhe dizem: «Vimos o Senhor»; para ele, não é suficiente a promessa de Jesus que preanunciara: ao terceiro dia ressuscitarei. Tomé quer ver, quer meter a sua mão no sinal dos cravos e no peito. E qual é a reação de Jesus? A paciência: Jesus não abandona Tomé relutante na sua incredulidade; dá-lhe uma semana de tempo, não fecha a porta, espera. E Tomé acaba por reconhecer a sua própria pobreza, a sua pouca fé. «Meu Senhor e meu Deus»: com esta invocação simples mas cheia de fé, responde à paciência de Jesus. Deixa-se envolver pela misericórdia divina, vê-a à sua frente, nas feridas das mãos e dos pés, no peito aberto, e readquire a confiança: é um homem novo, já não incrédulo mas crente.

**3.** Este é o estilo de Deus: não é impaciente como nós, que muitas vezes queremos tudo e imediatamente, mesmo quando se trata de pessoas. Deus é paciente connosco, porque nos ama; e quem ama compreende, espera, dá confiança, não abandona, não corta as pontes, sabe perdoar. Recordemo-lo na nossa vida de cristãos: Deus sempre espera por nós, mesmo quando nos afastamos! Ele nunca está longe e, se voltarmos para Ele, está pronto a abraçar-nos (…) Deus sempre espera por nós, não se cansa. Jesus mostra-nos esta paciência misericordiosa de Deus, para sempre reencontrarmos confiança, esperança! Um grande teólogo alemão Romano Guardini dizia que Deus responde à nossa fraqueza com a sua paciência e isto é o motivo da nossa confiança, da nossa esperança (cf. Glabenserkenntnis, Wurzburg 1949, p. 28). É uma espécie de diálogo entre a nossa fraqueza e a paciência de Deus – um diálogo, que, se entrarmos nele, nos dá esperança.

**4.** Gostava de sublinhar outro elemento: a paciência de Deus deve encontrar em nós a coragem de regressar a Ele, qualquer que seja o erro, qualquer que seja o pecado na nossa vida. Jesus convida Tomé a meter a mão nas suas chagas das mãos e dos pés e na ferida do peito. Também nós podemos entrar nas chagas de Jesus, podemos tocá-Lo realmente; isto acontece todas as vezes que recebemos, com fé, os Sacramentos. São Bernardo diz numa bela Homilia: «Por estas feridas [de Jesus], posso saborear o mel dos rochedos e o azeite da rocha duríssima (cf. Dt 32, 13), isto é, posso saborear e ver como o Senhor é bom» (Sobre o Cântico dos Cânticos 61, 4). É precisamente nas chagas de Jesus que vivemos seguros, nelas se manifesta o amor imenso do seu coração. Tomé compreendera-o. São Bernardo interroga-se: Mas, com que poderei contar? Com os meus méritos? Todo «o meu mérito está na misericórdia do Senhor. Nunca serei pobre de méritos, enquanto Ele for rico de misericórdia: se são abundantes as misericórdias do Senhor, também são muitos os meus méritos» (ibid., 5). Importante é a coragem de me entregar à misericórdia de Jesus, confiar na sua paciência, refugiar-me sempre nas feridas do seu amor. São Bernardo chega a afirmar: «E se tenho consciência de muitos pecados? “Onde abundou o pecado, superabundou a graça” (Rm 5, 20)» (ibid., 5). Talvez algum de nós possa pensar: o meu pecado é tão grande, o meu afastamento de Deus é como o do filho mais novo da parábola, a minha incredulidade é como a de Tomé; não tenho coragem para voltar, para pensar que Deus me possa acolher e esteja à espera precisamente de mim. Mas é precisamente por ti que Deus espera! Só te pede a coragem de ires ter com Ele. Quantas vezes, no meu ministério pastoral, ouvi repetir: «Padre, tenho muitos pecados»; e o convite que sempre fazia era este: «Não temas, vai ter com Ele, que está a tua espera; Ele resolverá tudo». Ouvimos tantas propostas do mundo ao nosso redor; mas deixemo-nos conquistar pela proposta de Deus: a proposta d’Ele é uma carícia de amor. Para Deus, não somos números; somos importantes, antes, somos o que Ele tem de mais importante; apesar de pecadores, somos aquilo que Lhe está mais a peito. (…) É precisamente sentindo o meu pecado, olhando o meu pecado que posso ver e encontrar a misericórdia de Deus, o seu amor, e ir até Ele para receber o seu perdão.

(…) Amados irmãos e irmãs, deixemo-nos envolver pela misericórdia de Deus; confiemos na sua paciência, que sempre nos dá tempo; tenhamos a coragem de voltar para sua casa, habitar nas feridas do seu amor deixando-nos amar por Ele, encontrar a sua misericórdia nos Sacramentos. Sentiremos a sua ternura maravilhosa, sentiremos o seu abraço, e ficaremos nós também mais capazes de misericórdia, paciência, perdão e amor.

**Homilia no II Domingo de Páscoa C 2010**

**1.** Vou deixar Tomé e a sua fé, em paz, pois não faltarão hoje, e por aí pregadores a atirar-se à sua dúvida, como se esta, afinal, não fosse um passo importante, no caminho da fé e do seu crescimento! É óbvio que a nossa fé, como a de Tomé, na maior parte das vezes, terá de aprender a renunciar às evidências e aos sinais sensíveis, para se traduzir numa firme adesão de pés e cabeça, numa confiança, sem reservas, numa entrega de alma e coração, a Deus! Não raro, o nosso caminho de fé é percorrido assim, como que «ao anoitecer», provado pela experiência do «sepulcro vazio», isto é, desprovido de quaisquer seguranças e doces consolações! E há na vida de cada um, e pode haver na vida da Igreja, um certo período de trevas, onde as traições e perseguições, as dúvidas e crises, põem a nossa fé à prova de fogo! Mas é aí, precisamente, que a fé se centrará no essencial, na descoberta e no encontro com Cristo vivo e ressuscitado! Então a fé se tornará verdadeiramente aquele “acreditar sem ver”, aquele ver sem tocar, aquele confiar-se simplesmente por amor! “Felizes os que acreditam sem terem visto” (Jo.20,29), disse Jesus. E podia dizer: “Felizes aqueles, que, sem luzes ou estrelas no seu caminho, ou sem sinais sensíveis à porta do coração, acreditam ainda, apesar de tantas feridas abertas, no Corpo de Cristo, que é a Sua Igreja”!

**2.** Num tempo, como o nosso, de crise e desconfiança, de ataques, de suspeitas e dúvidas, que atingem com grande violência todo o corpo da Igreja, a começar pela Sua Cabeça, vale bem a pena ler e meditar o livro do Apocalipse, o último livro da Bíblia! Trata-se de um livro profético, que desvenda à comunidade crente o sentido oculto e profundo das coisas que acontecem (cf. Ap 1,1) num tempo de perseguição, tribulação e crise, como era a época em que João escrevera o seu Apocalipse (cf. Ecc. Eur. 5). É um livro de grande atualidade, pois, de algum modo, somos todos, deste João, «irmãos e companheiros nas tribulações», quantas vezes, feridos pela dúvida, paralisados pelo medo, destruídos pela tristeza!

**3.** No meio da grande tribulação, a palavra que soa e ressoa na visão do Apocalipse é sempre uma palavra de esperança e confiança: «Não temas! Eu sou o Primeiro e o Último, o Vivente; conheci a morte, mas eis-Me aqui vivo pelos séculos dos séculos. E tenho as chaves da Morte e do Abismo» (Ap 1,17-18). Encontramo-nos assim, e apesar dos sinais de crise, e de fragilidade dos cristãos, com este «feliz anúncio», de que permanece Viva a Testemunha Fiel, o próprio Cristo Ressuscitado, nosso Cordeiro Pascal! É n’Ele que podemos e havemos de pôr sempre toda a nossa confiança!

São João, no Apocalipse, dá-nos algumas certezas da nossa esperança: Ele é o Primeiro e o Último: quer dizer, n'Ele, toda a história, ande por onde andar, encontra o seu princípio e a sua meta, o seu sentido e finalização! Ele é o Vivente: estava morto, mas agora vive para sempre! Ele Vive, não para prolongar indefinidamente a nossa vida presente, mas para a transformar por dentro e lhe dar a abundância no presente e a plenitude da eternidade!

**4.** Mas diz ainda mais: Cristo Ressuscitado segura firmemente nas suas mãos as ”sete estrelas” (cf. Ap 1, 16), isto é, toda a Igreja de Deus, perseguida! Cristo Ressuscitado, na visão do Apocalipse, caminha no meio dos sete castiçais de ouro (cf. Ap 2, 1): quer dizer: Ele está presente e activo na sua Igreja unida e reunida em oração. Por isso, embora em luta, a comunidade cristã tem motivos para se sentir alegre e vitoriosa, porque está nas mãos de Cristo, que já venceu o mal.

5. Meus queridos irmãos e irmãs: Em tudo e sempre, voltemo-nos, então, para Cristo, única fonte de esperança! Não deixemos cair os braços. Nem Lhe viremos as costas! Ele continua, na sua Igreja, em cada comunidade que se une e reúne, no primeiro dia da semana, a «poisar a sua mão direita» (Ap.1,17) e a comunicar o seu Espírito, a dar a Vida e a encher de alegria a nossa casa!

Sobre todos e cada um de nós repousa, neste dia, a mão terna e poderosa do Senhor, que te (nos) diz: «Não temas». «Eu sou Aquele que vive e vive para sempre»! Eis uma palavra de esperança, para viver uma Páscoa com Vida, sem medo e com jovial esperança!

**Homilia no II Domingo de Páscoa C 2007**

"Se não vir nas suas mãos o sinal dos cravos; se não meter o meu dedo no lugar dos cravos e a mão no Seu lado, não acreditarei" (Jo. 20, 25)

**1.** Tomé nem quer crer, que Jesus ressuscitou e vive para sempre! Mas para chegar à fé autêntica, o apóstolo não quer ver prodígios, não reclama qualquer exibição magnífica de poder ou de triunfo. Para chegar à fé, Tomé quer simplesmente ver os sinais da crucifixão de Jesus. No fundo, ele permanece fiel à contemplação d’Aquele que trespassaram, como se do lado aberto de Cristo na Cruz, se pudesse conhecer e experimentar, em toda a sua crueza, a beleza do amor de Deus. Tomé está realmente convicto de que Jesus é agora reconhecível, não tanto pelo seu rosto, mas sobretudo pelas suas chagas! Na verdade, são as suas chagas, que revelam, até que ponto Ele nos amou e nos amou até ao fim!

**2.** Por incrível que nos pareça, a verdade é, que neste aspeto, o Apóstolo Tomé não se enganou. E a prova disso mesmo, é que oito dias depois, Jesus interpela-o, nos mesmos termos: "Põe aqui o teu dedo aqui e vê as minhas mãos! Aproxima a tua mão e mete-a no meu lado e não sejas incrédulo, mas crente!" (Jo 20, 27). Deste modo Jesus confirma que os sinais qualificadores da sua identidade, são sobretudo as suas chagas. Por isso, ao tocar as marcas da sua crucifixão, sinais do amor sacrificado, Tomé reage com a mais alta e maravilhosa profissão de fé, de todo o Novo Testamento, exclamando comovido: "Meu Senhor e meu Deus!" (Jo 20, 28).

**3.** O caso do apóstolo Tomé é realmente importante para nos ajudar no caminho da fé, pelo menos, por três motivos simples: primeiro, porque nos conforta nas nossas inseguranças; segundo, porque nos mostra até que ponto uma dúvida pode levar-nos a alcançar a graça de uma fé luminosa, para lá de qualquer incerteza; e por fim, porque estas palavras dirigidas a Tomé nos recordam o verdadeiro sentido da fé madura. Era sobretudo este último aspeto, que eu hoje mais queria destacar: o testemunho de Tomé encoraja-nos, todos os dias, a seguir Jesus pela via da cruz e a prosseguir na fé, apesar de todas as dúvidas e dificuldades.

**4.** De facto, a dor, o mal, as injustiças, a morte, especialmente quando afetam os inocentes - por exemplo, as crianças vítimas das guerras e do terrorismo, das doenças e da fome - submetem a nossa fé a uma dura prova! No entanto, por estranho que nos pareça, é precisamente nestes casos que a incredulidade de Tomé nos é útil e preciosa. A falta de fé de Tomé ajuda-nos a purificar a nossa fé, de uma falsa ideia de Deus e leva-nos a descobrir o seu rosto autêntico: o rosto de um Deus que, em Cristo, carregou sobre si as chagas da humanidade ferida. Tomé recebeu do Senhor e assim o transmitiu à Igreja, o dom de uma fé, provada pela paixão e morte de Jesus, e confirmada pelo encontro com o Ressuscitado. Uma fé que estava quase morta e renasceu, graças ao tato e ao contacto com as chagas de Cristo, com as feridas que o Ressuscitado não escondeu, mas mostrou e continua a indicar-nos, nas penas e nos sofrimentos de cada ser humano.

**5.** “Pelas suas chagas fostes curados”, disse um dia São Pedro, citando o canto do Servo de Deus, no livro de Isaías (1 Ped 2,24). Através das chagas de Cristo ressuscitado, podemos ver com olhos de esperança, todos os males que afligem a humanidade. Com efeito, ressuscitando, o Senhor não tirou o sofrimento e o mal que aflige ainda hoje e sempre a humanidade, mas venceu-os pela raiz, com a superabundância da sua graça. À prepotência do mal, Deus opôs a omnipotência do seu Amor. Como caminho para a paz e para a alegria, deixou-nos simplesmente o Amor, que é mais forte do que a morte! Por isso, só o amor é digno de fé! E só quem ama, é capaz de ver e de crer!

**Homilia no II Domingo de Páscoa C 2004**

**1.** Uma “primavera” na Igreja, dizia-se há dias, a propósito do crescimento promissor das vocações sacerdotais. Mas logo se ressalvava o caso da Europa, como exceção a este crescimento, no contexto da Igreja Universal. De facto, bem o sentimos, a vários níveis, cada dia e todos os dias. A Europa parece hoje parada e esquecida na sua história, sem fio e sem um rumo condutor para o futuro. O panorama da descrença e do pessimismo; a crise de valores e de fidelidade aos compromissos, (na família, na sociedade e na Igreja); a perda e a recusa da memória do próprio cristianismo; um certo medo do poder de Cristo e da sua Igreja; as frequentes ameaças à paz; os múltiplos sinais da cultura do absurdo e da morte… são sinais reais que parecem tentar-nos, hoje, como aos discípulos, a metermo-nos dentro de casa, “de portas fechadas, com medo” (Jo.20,29) do próprio futuro.

**2.** Neste tempo assim, é que vale bem a pena ler e meditar o livro do Apocalipse. Ele servir-nos-á de guia, durante todo este tempo pascal. Trata-se de um livro profético, que desvenda à comunidade crente o sentido oculto e profundo das coisas que acontecem (cf. Ap 1,1) num tempo de perseguição, tribulação e crise para a Igreja, como era a época do autor do Apocalipse (cf. Ecc. Eur. 5).

**3.** “A palavra que ressoa na visão do Apocalipse é uma palavra de esperança: «Não temas! Eu sou o Primeiro e o Último, o Vivente; conheci a morte, mas eis-Me aqui vivo pelos séculos dos séculos. E tenho as chaves da Morte e do Inferno » (Ap 1,17-18). Encontramo-nos assim, e apesar dos sinais de crise, de perseguição e de morte dos cristãos, com o «feliz anúncio», que é o próprio Jesus Cristo. João dá-nos estas certezas da nossa esperança: Ele é o Primeiro e o Último: quer dizer, n'Ele, toda a história encontra o seu princípio, sentido, direção e realização; n'Ele e com Ele, na sua morte e ressurreição, já tudo ficou dito. Ele é o Vivente: estava morto, mas agora vive para sempre! Ele é o Cordeiro que está de pé no meio do trono de Deus (cf. Ap 5, 6): aparece imolado, porque derramou o seu sangue por nós no madeiro da cruz; está de pé, porque voltou à vida para sempre e mostrou-nos a omnipotência infinita do amor do Pai. Ele segura firmemente nas suas mãos as sete estrelas (cf. Ap 1, 16), isto é, a Igreja de Deus perseguida, que, embora em luta contra o mal e o pecado, tem motivos para sentir-se alegre e vitoriosa, porque está nas mãos de Cristo, que já venceu o mal. Ele caminha no meio dos sete castiçais de ouro (cf. Ap 2, 1): quer dizer: Ele está presente e ativo na sua Igreja reunida em oração. Ele é, enfim, «Aquele que vem» (Ap 1, 4) através da missão e da acção da Igreja ao longo da história humana; Ele virá no fim dos tempos, para levar à perfeição todas as coisas (cf. Ap 14, 15-16; 22, 20)” (cf. Ecc. Eur. 6).

**4.** Eis uma palavra para viver em Páscoa, pondo de lado a tentação de desesperar com a banalidade do mal e de desacreditar da força invencível e invisível do amor, num mundo, que (a)parece construído sem Deus ou contra Ele. Há que ver e viver este nosso tempo, como uma espécie de Inverno rigoroso e prolongado, em que tudo nos parece morto e acabado, mas que guardará, por certo e no mais fundo de si mesmo, escondida a semente da ressurreição e do futuro. Semente, cujos frutos deveremos ainda esperar com a paciência sábia do lavrador. Para além de qualquer aparência, e apesar de os efeitos não serem ainda visíveis, a vitória de Cristo já se deu e é definitiva. Esta é a mensagem do Apocalipse. A sugerir-nos uma atitude de confiança, que nasce da fé no Cristo Ressuscitado, presente e activo na história.

**5.** Voltemo-nos, então, para Cristo, única fonte de esperança. Não deixemos cair os braços. Nem Lhe viremos as costas. “Ele poisa sobre nós a sua mão direita” (Ap 1,17) e ressuscita a nossa esperança, fazendo destes nossos dias, dias de verdadeira Páscoa. Aleluia.

**Homilia no II Domingo de Páscoa C 2001**

**1.** Jesus devia, de facto, uma explicação aos discípulos. Depois da sua morte, a desilusão, a dispersão e o medo, a desorientação e a dúvida, tinham assaltado o coração dos discípulos. E o caso não era para menos. Afinal Jesus de Nazaré, a quem seguiram tão generosamente e de quem esperavam a libertação de Israel (cf. Lc.24,21), morrera crucificado, sem levar a sua causa até ao fim. No coração dos discípulos havia a amargura de uma derrota ainda por digerir, a desilusão de uma Promessa que ficou por cumprir, o trauma da morte violenta de Jesus e até a sombra do terrível suicídio de Judas. Eis-nos diante de um grupo «de portas fechadas, por medo dos Judeus» (Jo.20,10.26), um grupo que não anda de bem com o presente, atordoado pela memória e pela consciência de algumas traições, negações, arrependimentos e acusações. Nenhum deles estava, de facto, em paz com o seu passado ou com o de Jesus, a quem – imagino - não perdoavam... tê-los metido naquela tamanha desventura. Estavam de costas viradas ao futuro, a fugir de Jerusalém. Numa palavra, a morte de Jesus era uma ferida, que nem queriam ver... Mas que doía tanto, que não dava mesmo para esquecer...

**2.** E Jesus vem. Uma e outra vez, «explicar-se»... fazer as pazes... não para esquecer o passado, mas para o recordar de modo diferente. Também Ele tinha razões de sobra para manter bem abertas as feridas do seu passado: a fuga dos discípulos, a vergonha da Cruz, a coroação de espinhos, a tortura dos últimos dias... são marcas indeléveis que nenhum futuro poderia apagar. Por isso, as marcas da sua dor, mesmo que transfigurada por um milagre de amor, não desaparecerão. A Ressurreição não destruirá nunca os sinais do seu sofrimento e da sua Cruz: «Chega aqui o teu dedo e vê as minhas mãos, aproxima a tua Mão e mete-a no meu lado» (Jo.20,27; cf. Lc.24,39). Jesus não quer apenas mostrar que não é um fantasma. Nem simplesmente provar que é o mesmo, o Crucificado. Jesus está ali, diante de Tomé, com as feridas do seu lado aberto e das suas mãos, para curar as feridas do pobre Tomé. Quando as toca, vêm à luz do dia as fraturas que há na noite do seu coração e que é preciso sarar, para não ficarem à superfície da sua vida: a sua confiança foi abanada, a sua fé em Jesus foi posta em causa. Esta é a verdade. E Jesus põe as feridas invisíveis de Tomé (a descrença, o medo, a desconfiança) em contacto com as suas, bem visíveis. Assim Jesus como que obriga Tomé a pôr o dedo na ferida. A não virar as costas ao passado, mas a encará-lo de frente. A não querer esquecer o que se passou, para fugir à dor... mas a recordar tudo de maneira diferente, na perspetiva do amor. Jesus quer ajudar Tomé e os outros Dez a reconciliarem-se com Ele e com o seu passado, a curarem as feridas do medo e da desilusão, na Paz e no Perdão, que só Ele lhes pode comunicar.

**3.** Irmãos e irmãs: Sei que há muitas feridas por curar, no coração de cada um de nós. E é preciso que cada um deixe de ser “vítima” para se tornar um “sobrevivente”, irmão e companheiro, na grande aventura da vida e nas “tribulações da fé” (Ap.1,9). Mas esta página do Evangelho é também a radiografia das feridas de muitos a quem injustamente, como a Tomé, chamamos de «incrédulos»... Lembro sobretudo os que não acreditam connosco ou como nós, por estarem feridos... com a palavra ofensiva do padre, com o gesto agressivo de um qualquer de nós, com o testemunho frouxo das nossas comunidades. Há entre os homens do saber e a Igreja, entre a fé e a cultura, entre a paróquia e a cidade, entre o pároco e os fiéis, entre nós, feridas que estarão por curar... Procuremos, em tempo pascal, não tanto extinguir a memória do passado, - tarefa desumana e impossível - mas purificá-la, pondo as nossas feridas em contacto com as do Senhor... Há que ter a coragem, também hoje, de “pôr o dedo na ferida”, no diálogo autêntico e no confronto pessoal, na reconciliação humana e sacramental, para assim quebrar essa crosta impermeável de suspeita e de ofensa, que não nos deixa em Paz. Façamo-lo na certeza de que, ao sangrar a ferida na superfície da pele, veremos, no fundo da alma, muitas coisas bem diferentes daquilo que nos pareciam à primeira vista...

Creio que, sem esta reconciliação com o passado, com o nosso e com o dos outros, com o da Igreja e o da História, é impossível olharmo-nos de frente (Ap.1,12), regressarmos a Jerusalém, voltarmos à comunidade e comermos com alegria a Páscoa do Senhor.

Ele que está no meio de nós, e “poisa sobre a nossa cabeça a sua mão” quando nos sentimos “caídos a seus pés, como mortos” (Ap.1,17), nos dê a sua Paz, a sua alegria e o seu Perdão. Pelas suas chagas é que fomos curados (Is.53,5)

**Homilia – II Domingo de Páscoa 2000**

**1.** “Não sejas incrédulo mas crente”! (Jo.20,27) É uma espécie de censura carinhosa do Cristo Ressuscitado ao discípulo em dúvida.... ao discípulo que não vê sinais de vida e tem dificuldade em acreditar. E parece-nos um desafio à nossa fé. Uma espécie de resposta divina, à nossa atrevida ignorância, ao fazer perguntas a Deus, pedindo-Lhe contas da sua ausência: Porque não se manifesta a nós na evidência do milagre e do poder? Porque entra na nossa vida, de portas fechadas, sem nos tolher o medo, com o barulho da sua chegada? Porque não se põe acima de nós, com toda a força da sua majestade, e se coloca, no nosso meio, como um de nós, sem quase darmos conta da sua presença?

**2.** No fundo, Jesus, na incredulidade de Tomé, ensina-nos o caminho da fé. Assim, na fé, não se trata de uma mente rendida, face ao poder do milagre! Como se não tivéssemos outro remédio senão acreditar! Não se trata ainda menos de uma conquista alcançada, ao cabo de um enorme esforço, no acto de pensar! Como se Deus fosse um produto intelectual. Não se trata tão pouco de um sentimento caloroso, em compensação de um qualquer favor divino. Como se Deus nos conquistasse com os seus próprios dons.

**3.** A fé é adesão, entrega, aceitação, rendição. Aceitação de um Deus, diverso do que penso! Que entra na minha vida até por pequenas friestas, de portas que teimo tantas vezes em fechar. Acolhimento de um Deus, fora das minhas medidas: bem mais pequeno, que a minha grande ambição, bem maior que a minha pequena dimensão. Adesão a um mistério que não domino, mas que me alcança e me faz procurar sempre mais e mais além. Rendição, face às surpresas da vida, que teimam em ensinar-me a ler algo de misterioso e de divino, nas letras tortas e sinuosas da minha difícil aventura humana.

**4.** A nossa fé, na maior parte das vezes, tem de renunciar a apoios e a sinais, para se bastar a si própria. Não raro, o nosso caminho de fé é percorrido «ao anoitecer», é provado pela experiência do «sepulcro vazio», é desnudado numa alma despida de consolações e companhia. É aí que a fé se torna verdadeiramente “acreditar sem ver”, acolher sem perguntar, aceitar sem duvidar, ver sem tocar, saborear sem dominar. Felizes os que acreditam sem terem visto” (Jo.20,29), os que, sem estrelas no caminho, ou sem sinais à porta do coração, acreditam ser guiados por uma Luz, habitados por uma presença, levados para mais longe de si.

**5.** Caríssimos: A nossa fé deverá sempre ser mais generosa a dar sinais do que a exigi-los. A dar sinais, porque não se pode encerrar nunca dentro das paredes do meu íntimo, da minha casa ou da minha Igreja. Quando pulsa no coração, a fé faz mover o corpo e dá sinais de vida. Ele vence a própria lógica poderosa do mundo, com a força imparável do amor. Assim “os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, com grande poder; tudo entre eles era comum e não havia qualquer necessitado (Act.4,33.35) ”. Mas – e insisto - a fé deverá aprender a crescer na noite, a vencer este mundo, com a grandeza dos factos, sem pretender convencer pela força dos argumentos. Ainda que os nossos olhos estejam, por agora, enevoados por tanto mal no mundo e por tantas feridas cravadas no peito dos Homens, na contemplação da fé é bem possível perscrutar um sentido e um mistério, que desponta e se desenvolve no coração da História. Entre o absurdo e o mistério das coisas e da vida, eu escolho o mistério, que abraço pela fé. Como disse Natália Correia: “Creio nos anjos que andam pelo mundo, creio que tudo é eterno num segundo” (...) Creio no incrível, nas coisas assombrosas, a ocupação do mundo pelas rosas”!

São João diz isto ainda mais simplesmente: “Esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé” (I Jo.5,4)!

**Homilia no II Domingo de Páscoa C – 1998**

**1.** Oito dias depois, portas fechadas à visita Pascal. A luz da manhã de Páscoa estava ainda encoberta pela sombra da tristeza. O medo enchia toda a casa. E a dúvida afastava do horizonte a presença do Ressuscitado. Os discípulos ainda não estavam curados do susto. Sangravam ainda em carne viva as feridas da dúvida, do desgosto, do desencanto. Na morte de Cristo, se enterravam afinal todas as ilusões da sua juventude. O sonho parecia morrer à nascença!...

**2.** É a esta Casa, de uma Igreja, mal acabada de nascer, que Jesus vem, na sua primeira «visita pascal» (poderíamos hoje dizer!). Vem o Ressuscitado, o Jesus de ontem! Aquele que um dia os tomara pela mão. Vem o Cristo vivo, o Ressuscitado de hoje. Tem as mãos e o lado abertos pelas chagas da Cruz. Não é uma saudade, nem uma memória. Nem um fantasma. Nem uma ilusão. É Aquele que se deu e dá a Vida na Cruz. E vem o Jesus de sempre! E entra, estando fechadas as portas. Porque tem as chaves da morte e da morada dos mortos. Não é um morto que voltou à Vida. Mas Aquele que vive pelos séculos dos séculos! O primeiro e o último, o Vivente, o que está vivo e vive para sempre! (2ª leitura)

**3.** O Ressuscitado cura as feridas dos discípulos, com as suas chagas. Pelas suas chagas fomos curados! Porque, por elas, Jesus deixa exalar e derramar-se o perfume suave do seu Espírito Consolador. E, numa espécie de 'respiração boca-a-boca', Jesus salva-os da crise e da morte, revitaliza a Igreja, seu Corpo, dando-lhe o seu Alento: «recebei o Espírito Santo». O Espírito é a sua Vida íntima. A sua Vida ressuscitada. Cristo dá-se a si para que os seus vivam. É o próprio Deus, Dom e mistério de Amor, que penetra em nós, tornando-se a nossa mais íntima realidade. Desde essa profundidade, Deus nos unge, nos cura, nos ilumina, nos fortalece, nos santifica com o seu Amor. É um gesto cheio de poder e de ternura, este do Dom do Espírito, fruto por excelência da Páscoa de Cristo. «Quando Jesus exalou o seu Espírito, o mundo, serenado e acalmado, começa a respirar e a viver»... (Ps. Hipólito)

**4.** Caríssimos: Somos todos, destes discípulos, «irmãos e companheiros nas tribulações». Quantas vezes, feridos pela dúvida, paralisados pelo medo, destruídos pela tristeza! Como família humana e como família cristã, [como Igreja] temos quantas vezes as portas fechadas à Visita do Ressuscitado, trancados pelo silêncio e pelo medo, medo da morte, medo dos outros e medo do futuro. Estamos em casa, mas «exilados» da nossa morada, nas trevas da dúvida e da angústia. É até nós que o Senhor vem. Coloca-se no meio, para nos encher da sua Paz. Ele continua, na sua Igreja, em cada comunidade que se reúne, a «poisar a sua mão direita» e a comunicar o seu Espírito, a dar a Vida e a encher de alegria a nossa casa. Nos gestos sacramentais do perdão e da paz, e na partilha dos mesmos sentimentos. Na comunhão da mesma fé e na celebração do mesmo mistério de amor: a Eucaristia. Sobre cada um repousa a mão do Senhor que nos diz: «Não temas». «Eu sou Aquele que vive e vive para sempre»!

**Homilia no II Domingo da Páscoa C 1995**

Não somos ilhas. Mas a vida na sua crua dureza atira-nos muitas vezes para as margens do isolamento e sacode-nos com violentas ondas de perseguição, de tribulação e desânimo. De tal modo atirados para fora do nosso espaço, sentimo-nos muitas vezes uma pequena ilha sem margens de esperança nem horizontes de vida. Dá-nos a sensação de que ninguém nos olha, ninguém cuida de nós, ninguém nos vê, ninguém nos ouve o grito da dor e da desesperança.

Foi essa a experiência de João, o vidente exilado na ilha de Patmos, por causa da Palavra e do testemunho de Jesus. Por causa da fé, a Igreja era perseguida e os seus chefes desterrados para longe. Dava a impressão de que a Igreja estava entregue à sua fraqueza e iria sucumbir à perseguição... O Ressuscitado parecia ausente. O Espírito sem ação.

Mas não. O Ressuscitado revela-se a João com voz forte para o elevar no seu abatimento. E ao abrigo desta voz, João descobre que estava de costas para Aquele que Vive e por isso se volta para Ele, a fim de Lhe reconhecer a voz, para O ver. Ouve para ver. Ouve para reconhecer. Ouve para descobrir Aquele que lhe fala. É nesta escuta que os olhos se abrem e ele vê que não via, vê que não está só. Quase, como morto, sem esperança e sofrendo a ausência de Cristo, João descobre, pela força do Espírito, que não está só. Nem ele nem a sua Igreja. Descobre a presença do Ressuscitado no coração da Igreja, bem no seu centro, como Sacerdote que intercede, como Rei que domina com o seu olhar benevolente, como Deus que enche de luz e glória a sua Igreja. Cristo não está de costas voltadas para a Igreja. Está entre os sete candelabros, está na vida das suas Igrejas, vigia sobre cada uma das suas comunidades, vela pelos seus chefes. Do alto e do centro, domina a Igreja com o seu olhar, anima-a com a sua voz e sustenta-a com a sua mão direita...

Dois mil anos depois da Ressurreição, pode-nos acontecer de estarmos de costas voltadas para o Ressuscitado como se Cristo Ressuscitado nos deixasse na Igreja por nossa própria conta e risco. Mas não. O Ressuscitado está vivo. Vela sobre a sua Igreja, faz ouvir a sua Voz e sustenta-nos com a sua mão direita, com os seus gestos de amor. O Ressuscitado continua a soprar sobre nós o dom do seu Amor, continua a falar-nos, a colocar-se no nosso meio para nos dissipar o medo e nos dar a Paz. Continua a agir com a sua mão poderosa em cada um dos sacramentos, onde pelas nossas mãos ele age e se comunica, como vida, força, alimento, perdão e esperança.

Talvez não tenhamos ainda descoberto os sinais do Ressuscitado e precisássemos de ver para crer. Mas isso implica primeiro reconhecer que estamos de costas voltadas. E que para O ver, é preciso primeiro voltar para Ele e escutar a sua Voz forte: E ele nos dirá «Não temas! Eu sou o primeiro e o Último, sou Aquele que Vive. E vivo para sempre»!

**Catequese do Papa Bento XVI, sobre o Apóstolo Tomé**

 (…) Muito conhecida e até proverbial é a cena de Tomé incrédulo, que aconteceu oito dias depois da Páscoa. Num primeiro momento, ele não tinha acreditado em Jesus que apareceu na sua ausência, e dissera: "Se eu não vir o sinal dos pregos nas suas mãos e não meter o meu dedo nesse sinal dos pregos e a minha mão no seu peito, não acredito" (Jo 20, 25).

No fundo, destas palavras sobressai a convicção de que Jesus já é reconhecível não tanto pelo rosto quanto pelas chagas. Tomé considera que os sinais qualificadores da identidade de Jesus são agora sobretudo as chagas, nas quais se revela até que ponto Ele nos amou.

Nisto o Apóstolo não se engana. Como sabemos, oito dias depois Jesus aparece no meio dos seus discípulos, e desta vez Tomé está presente. E Jesus interpela-o: "Põe teu dedo aqui e vê minhas mãos! Estende tua mão e põe-na no meu lado e não sejas incrédulo, mas crê!" (Jo 20, 27). Tomé reage com a profissão de fé mais maravilhosa de todo o Novo Testamento: "Meu Senhor e meu Deus!" (Jo 20, 28). A este propósito, Santo Agostinho comenta: Tomé via e tocava o homem, mas confessava a sua fé em Deus, que não via nem tocava. Mas o que via e tocava levava-o a crer naquilo de que até àquele momento tinha duvidado" (In Iohann. 121, 5).

O evangelista prossegue com uma última palavra de Jesus a Tomé: "Porque me viste, acreditaste. Felizes os que, sem terem visto, crerão" (cf. Jo 20, 29). Esta frase também se pode conjugar no presente; "Bem-aventurados os que crêem sem terem visto".

Contudo, aqui Jesus enuncia um princípio fundamental para os cristãos que virão depois de Tomé, portanto para todos nós. É interessante observar como o grande teólogo medieval Tomás de Aquino, compara com esta fórmula de bem-aventurança aquela aparentemente oposta citada por Lucas: "Felizes os olhos que vêem o que estais a ver" (Lc 10, 23).

Mas o Aquinate comenta: "Merece muito mais quem crê sem ver do que quem crê porque vê" (In Johann. XX lectio VI 2566). De facto, a Carta aos Hebreus, recordando toda a série dos antigos Patriarcas bíblicos, que acreditaram em Deus sem ver o cumprimento das suas promessas, define a fé como "fundamento das coisas que se esperam e comprovação das que não se vêem" (11, 1).

**O caso do Apóstolo Tomé é importante para nós pelo menos por três motivos**: **primeiro,** porque nos conforta nas nossas inseguranças; **segundo** porque nos demonstra que qualquer dúvida pode levar a um êxito luminoso além de qualquer incerteza; e por fim, porque as palavras dirigidas a ele por Jesus nos recordam o verdadeiro sentido da fé madura e nos encorajam a prosseguir, apesar das dificuldades, pelo nosso caminho de adesão a Ele.

Uma última anotação sobre Tomé é-nos conservada no Quarto Evangelho, que o apresenta como testemunha do Ressuscitado no momento seguinte à pesca milagrosa no Lago de Tiberíades (cf. Jo 21, 2). Naquela ocasião ele é mencionado inclusivamente logo depois de Simão Pedro: sinal evidente da grande importância de que gozava no âmbito das primeiras comunidades cristãs. Com efeito, em seu nome foram escritos depois os Atos e o Evangelho de Tomé, ambos apócrifos mas contudo importantes para o estudo das origens cristãs.

Por fim recordamos que segundo uma antiga tradição, Tomé evangelizou primeiro a Síria e a Pérsia (assim refere já Orígenes, citado por Eusébio de Cesareia, Hist. eccl. 3, 1) e depois foi até à Índia ocidental (cf. Atos de Tomé 1-2 e 17ss.), de onde mais tarde o cristianismo alcançou também a Índia meridional. Nesta perspetiva missionária terminamos a nossa reflexão, expressando votos de que o exemplo de Tomé corrobore cada vez mais a nossa fé em Jesus Cristo, nosso Senhor e nosso Deus.

**Pobre Tomé! – Crónica E.R.A.**

Pobre Tomé que hoje ouves das boas! Porque não acreditaste. Porque desconfiaste. Porque exigiste provas, porque reclamaste sinais, porque és um incrédulo. E eu sei lá que mais... Cá por mim, agradeço-Te, ó Tomé, essa tua dúvida fundada. Afinal, até te desculpo. Que tinhas tu de inferior aos teus colegas para não teres direito a uma aparição do Ressuscitado? Exigiste e até fizeste muito bem. Porque isto de acreditar, estou como tu dizes: “é preciso ver”. Ver sinais. Sinais de Ressurreição. E nisso, estamos todos representados em Ti. É que nenhum de nós viu a Ressurreição. E nenhum de nós conviveu com o Ressuscitado. Somos de outra geração, a dos tais que o Mestre dissera que seriam felizes por crerem sem terem visto, esses tais, que afinal somos nós. Obrigado, Tomé e não te sintas envergonhado! Que todos andamos por aqui a apregoar doutrinas mas, sinais de Vida... é que é mais difícil vê-los. Depois, estes da rua que até gostariam de acreditar, não creem, porque não veem. Não veem sinais de Ressurreição, de Vida e de Vida Nova, naqueles que dizem conhecer o teu Mestre, tão bem como o vizinho ou o amigo do café.

Sabes, Tomé: hoje também sou obrigado a reconhecer que podias ter acreditado, ao menos, um bocadinho no testemunho dos teus colegas. Seria um sinal de humildade. Mas eu sei lá se o medo deles era ainda maior que a alegria e assim não te convenceram?!

Bom, hoje vou dizer à minha gente que há sinais de ressurreição e que para acreditarem não vale fugir do grupo dos discípulos, como tu primeiro tentaste. Quero dizer a alguma da minha gente que tem medo de estar à mesa connosco na Eucaristia de cada Domingo, que acredito neles e que a festa, a alegria, a comunhão, as portas abertas, a mesa posta, a música e os foguetes, as famílias reunidas... que tudo isso... na Visita pascal foi um enorme sinal de Ressurreição. Não foi folclore, não senhor! Quando alguém encontra Cristo, fica um pouco louco, sem medida, nem medo. Alegre e em festa. É isso a Ressurreição.

Que sinais queres mais, tu, ó Tomé, deste terceiro milénio, que ainda não acreditas a sério? Se queres mais, vem comer connosco o Pão da Vida na Eucaristia e vais vê-lo lá tão vivo e tão real, como outrora sobre os vales e colinas da Terra Prometida, ou como depois da Ressurreição, no caminho de Emaús. Somos felizes! Vimos o Senhor Jesus Ressuscitado. É Páscoa. Aleluia. Há sinais de Vida.

HOMILIARIO PATRISTICO

Tomé, um dos doze, chamado Dídimo, não estava com eles quando veio Jesus. Só este discípulo estava ausente: e, ao voltar e ouvir contar o que acontecera, negou-se a acreditar no que ouvia...

Tudo isto não aconteceu por acaso, mas por disposição da providência divina. A bondade de Deus atuou de modo admirável, a fim de que aquele discípulo que duvidara, ao tocar as feridas do corpo do seu Mestre curasse as feridas da nossa incredulidade.

Mais proveitosa foi para a nossa fé a incredulidade de Tomé do que a fé dos discípulos que não duvidaram; porque, enquanto ele é reconduzido à fé porque pôde tocar, a nossa alma põe de parte toda a dúvida e confirma-se na fé.

Deste modo, o discípulo que duvidou e tocou, tornou-se testemunha da realidade da ressurreição. Tocou e exclamou*: Meu Senhor e Meu Deus. Disse-lhe Jesus: Porque me viste, Tomé, acreditaste*. Ora, como o Apostolo Paulo diz: *A fé é o fundamento dos bens que se esperam, a prova das realidades que não se veem*, torna-se claro que a fé é a prova da verdade daquelas coisas que não podemos ver. Pois aquilo que se vê já não é objeto da fé, mas de conhecimento direto. Então, se Tomé viu e tocou, porque é que lhe diz o Senhor: *Porque me viste acreditaste?* É que ele viu uma coisa e acreditou noutra. A divindade não podia ser vista por um mortal. Ele viu a humanidade de Jesus e fez profissão de fé na sua divindade exclamando: *Meu Senhor e meu Deus*. Portanto, tendo visto acreditou, porque tendo à sua vista um homem verdadeiro, exclamou que era Deus, a quem não podia ver.

 Muita alegria nos dá o que se segue: *Felizes os que não viram e acreditaram*. Por esta frase, não há dúvida que somos nós especialmente visados, pois não O vimos em sua carne, mas possuímo-l’O no nosso espírito. Somos nós visados, desde que as obras acompanhem a nossa fé. Na verdade só acredita verdadeiramente, aquele que procede segundo a fé que professa.

**Pobre Tomé!**

Crónica E.R.A.

 Pobre Tomé que hoje ouves das boas. Porque não acreditaste. Porque desconfiaste. Porque exigiste provas, porque reclamaste sinais, porque és um incrédulo. E eu sei lá que mais...

Cá por mim, agradeço-Te, ó Tomé, essa tua dúvida fundada. Afinal, até te desculpo. Que tinhas tu de inferior aos teus colegas para não teres direito a uma aparição do Ressuscitado? Exigiste e até fizeste muito bem. Porque isto de acreditar, estou como tu dizes: “*é preciso ver*”. Ver sinais. Sinais de Ressurreição. E nisso, estamos todos representados em Ti. É que nenhum de nós viu a Ressurreição. E nenhum de nós conviveu com o Ressuscitado. Somos de outra geração, a dos tais que o Mestre dissera que eram *felizes por crerem sem terem visto*, esses tais, que afinal somos nós. Obrigado Tomé e não te sintas envergonhado! Que todos andamos por aqui a apregoar doutrinas mas, sinais de Vida... é que é mais difícil vê-los. Depois, estes da rua que até gostariam de acreditar, não creem, porque não veem. Não veem sinais de Ressurreição, de Vida e de Vida Nova, naqueles que dizem conhecer o teu Mestre, tão bem como o vizinho ou o amigo do café. Sabes Tomé. Hoje também sou obrigado a reconhecer que podias ter acreditado, ao menos, um bocadinho no testemunho dos teus colegas. Seria um sinal de humildade. Mas eu sei lá se o medo deles era ainda maior que a alegria e assim não te convenceram?! Bom, hoje vou dizer à minha gente que há sinais de ressurreição e que para acreditarem não vale fugir do grupo dos discípulos, como tu primeiro tentaste. Quero dizer a alguma da minha gente que tem medo de estar à mesa connosco na Eucaristia de cada domingo, que acredito neles e que a festa, a alegria, a comunhão, as portas abertas, a mesa posta, a música e os foguetes, as famílias reunidas... que tudo isso... na Visita pascal foi um enorme sinal de Ressurreição. Não foi folclore, não senhor! Quando alguém encontra Cristo, fica um pouco louco, sem medida, nem medo. Alegre e em festa. É isso a Ressurreição. Que sinais queres mais, tu, ó Tomé deste ano 2000, que ainda não acreditas a sério? Se queres mais, vem comer connosco o Pão da Vida na Eucaristia e vais vê-lo lá tão vivo e tão real, como outrora sobre os vales e colinas da Terra Prometida, ou como depois da Ressurreição, no caminho de Emaús. Somos felizes! Vimos o Senhor Jesus Ressuscitado. É Páscoa. Aleluia. Há sinais de Vida.

1. Homilia inspirada no livro de Tomás Halik, *O meu Deus é um Deus ferido*! Ed. Paulinas 2015 [↑](#footnote-ref-1)
2. Texto sintetizado a partir de: PAPA FRANCISCO, *Meditação na Celebração das primeiras vésperas do Domingo da Divina Misericórdia*, sábado, 11 de abril de 2015 e IDEM, *Homilia no II Domingo de Páscoa ou da Divina Misericórdia*, 12.04.2015. [↑](#footnote-ref-2)